

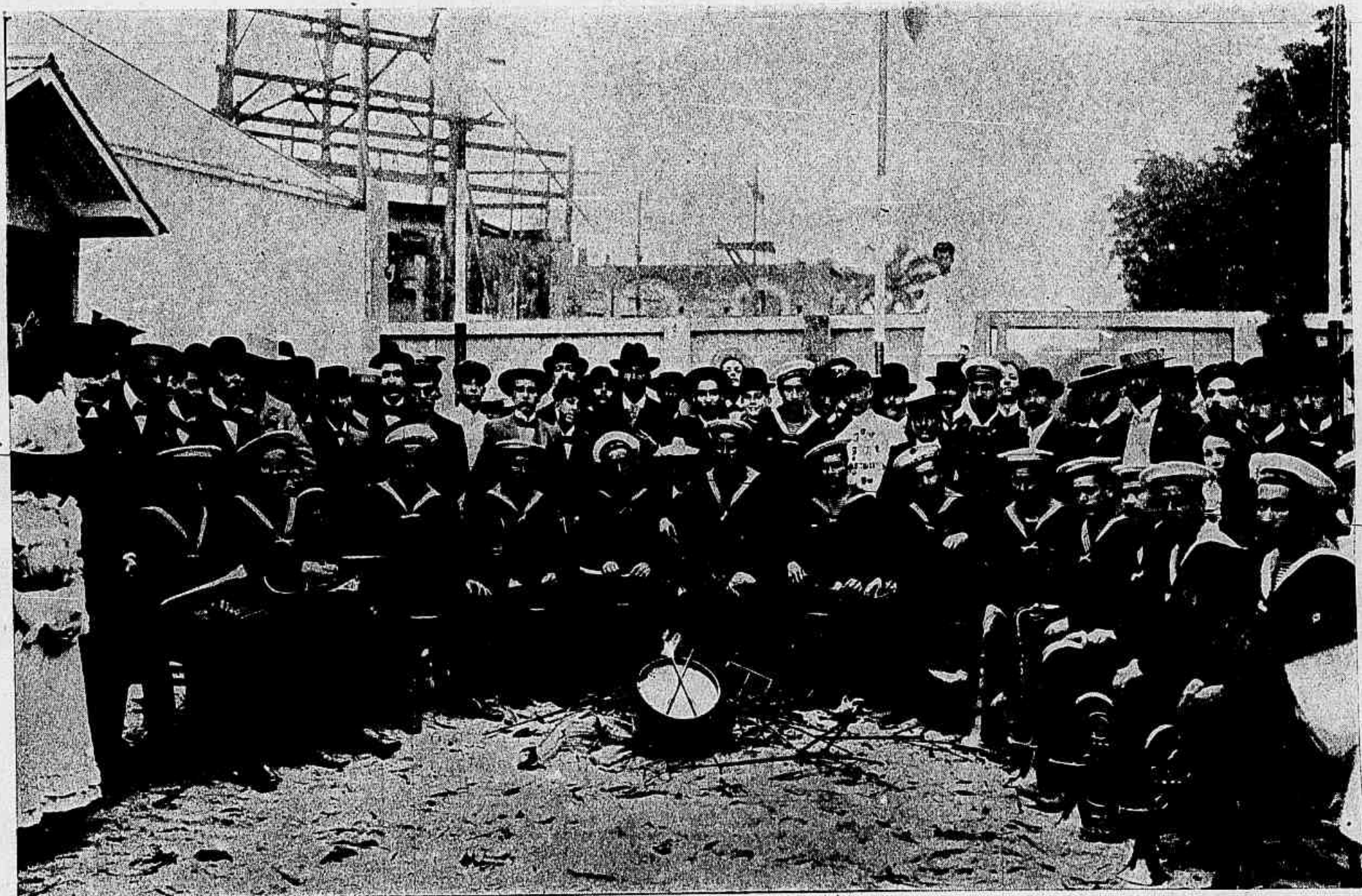
REVISTA DA SEMANA

Anno I. — N. 2

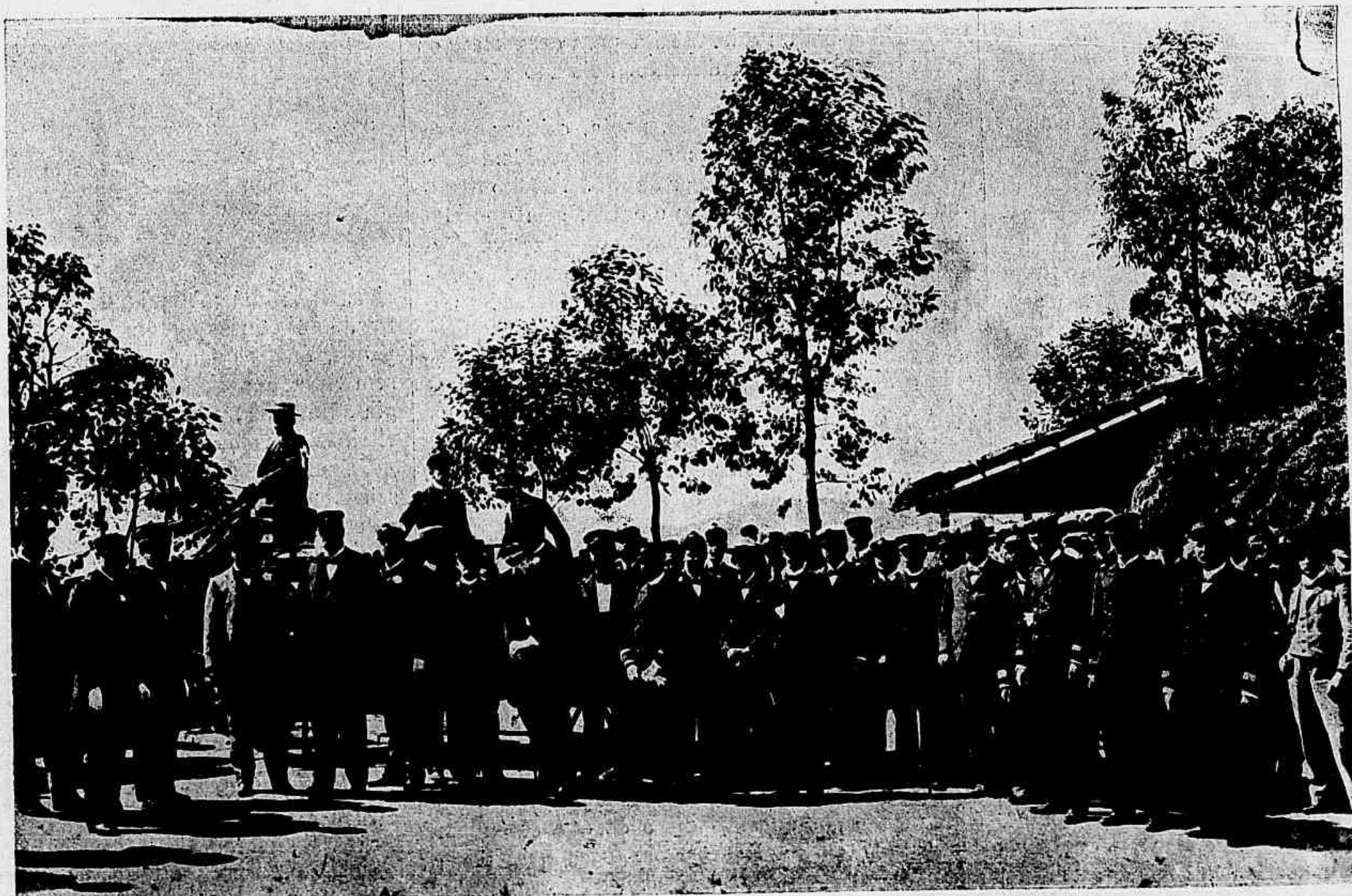
DOMINGO, 27 DE MAIO

Numero: 300 réis

ULTIMOS ECHOS DO CENTENARIO



A celebre fanfarra do cruzador "D. Carlos", victoriada pelo povo brasileiro
(Photographia tirada no dia do desembarque)



Instantanea de um grupo de officiaes portuguezes e brasileiros. Vista tomada na Tijuca durante o bello passeio offerecido á marinhagem do D. Carlos pela nossa Armada. A frente do grupo estão os Srs. Lampreia, ministro d'El-Rei; Wandenkolk, inspector do Arsenal; Lopes de Andrade, commandante do cruzador portuguez; contra-almirante Pereira Guimarães; Conselheiro Arenas de Lima, etc.

CORREIO DA SEMANA

Rio, 26 DE MAIO.

... *Et si cette chanson vous embête, nous allons la recommencer*... foi o que fez a peste. Apareceu, primeiro em Santos, depois em São Paulo e finalmente aqui. Foi reconhecida, reconhecida oficialmente; o microbio, pillado em flagrante *bubonificação*, teve de entregar-se; recebeu todos os sacramentos da bacteriologia e confessou-se como o legítimo Kitasato-Yersin. O caso não se passou assim tão simplesmente; a sciencia disse sim, disse não, e quando cessaram as discussões, quando o microscopio mostrou o terrível bacillo, foi uma preamar de hygiene: quarentena para os que entravam, quarentena para os que saíam; observações; visitas domiciliarias; conselhos; desinfecções, havia uma «Geneste et Herscher» em cada canto.

Era a peste; appareceu, matou uma criança ou duas crianças, irritou um velho; demittiu um pre-



— Bonito par de calças, sim senhor; parece a reforma policial: xadrez puro...
— E é que devo dizer de suas pernas em arco? Puro estylo manuelino...

feito, provocou cinco ou seis *a pedidos* e desapareceu.

Quasi todos nós rimos d'essa peste que não tinha força siquer para matar um adulto, e veio a greve, e veio a conspiração, e veio o centenario, e quando tudo era festa, ella resurge.

Não é irritante isto? Que é que pretende ella? Atemorizar-nos? Pois não vê que já perdeu todo o seu prestigio? Quem é que se arreceia hoje de peste? Creio que nem os proprios ratos. Pelo menos, os d'aqui nada têm a temer. O mesmo já não aconteceu em S. Paulo. Lá, não é a peste, é o governo que os vai immolando implacavelmente. Nós não somos tão crucis. Nessa devastação vae talvez um certo exagero de prophylaxia. Pois se a peste é tão branda, quasi innocua, para que exterminar os pobres roedores?... Matar ratos para poupar homens? Até parece estúpido e pueril. Tão pueril como procurar prevenir a irrupção de uma epidemia que já perdeu o prestigio. Fiquemos certos de que uma molestia só vale pelo prestigio que a cerca. E podemos nos orgulhar de que a nossa terra sabe desmoralisar as epidemias: o cholera matou ali pelas margens do Parahyba, e d'aqui saiu tão amesquinhado que ninguem hoje faz caso d'elle. A febre amarella está aqui ha mais de meio seculo e ninguem pensa nella. A peste, a grande

peste, é hoje um facto sem importancia. Acredito que ella se dê bem aqui e se deixe ficar mas, não logrará, nunca mais, nem o prestigio, nem a gloria de outros tempos.

Não é, pois, nem imprevidencia, nem desleixo, o que nos leva a não curar, em tempo, dos meios precisos para prevenir a invasão da epidemia; não é nada disto, é desprezo; nós desprezamos uma molestia que degenerou, que não corresponde a nossa espectativa.

Mas, apesar dos pezares, é desagradavel abrir, pela manhã, os jornaes e encontrar lá, em todos elles, essa mesma epigraphe: «a peste» e os indefectivos conselhos!... E' uma *scie*. Os conselhos, pelo menos, podiam ser supprimidos. Para quem são elles? Para o povo? Guardem-n'os então para quando o povo souber lêr.

E enquanto a peste vae matando os que não tomam banho, voltemo-nos para a politica. Ella tem as honras do momento. Mas, com que cuidado é preciso andar aqui!... Este mister de chronista leva-nos a toda parte. Seja! Digamos alguma cousa do que vemos, sem que sejamos obrigados, por isso, a comprehender e explicar tudo que notamos. Era o caso de deixar o officio.

Para a camara vieram *eleitos* trezentos e sessenta e tantos candidatos, mas os logares eram, apenas, 212. Houve um aperto em todos os corações. Não pelo receio de que fossem reconhecidos os 360: a verba orçamentaria é para 212 e só seriam reconhecidos 212; mas, por isso mesmo, previa-se que a disputa seria longa e que tão cedo não teriamos congresso. Pois, foi tudo puro engano — falsissimas previsões: em seis ou oito dias estudaram-se cerca de 150 eleições de deputados, e, no dia 3 de Maio, no proprio dia marcado pela Constituição, era aberto o Congresso, cousa que só raramente succede, mesmo quando não ha deputados a reconhecer.

— E o resto irá tambem depressa, pensou toda gente, ou, então, teremos, no recinto da camara, muitas daquellas memoraveis discussões. Novo engano: esses 40 ou 50 deputados que faltavam reconhecer ainda não estão reconhecidos, mas, em compensação... tambem não tem havido discussões.

Por que será então, essa demora? Quem o sabe?!... E' a politica; e a politica é uma cousa que ninguem entende, nem mesmo os que estão envolvidos n'ella; parece feita para desnortear os mais seguros de entendimento. Pois não vêm esse facto?

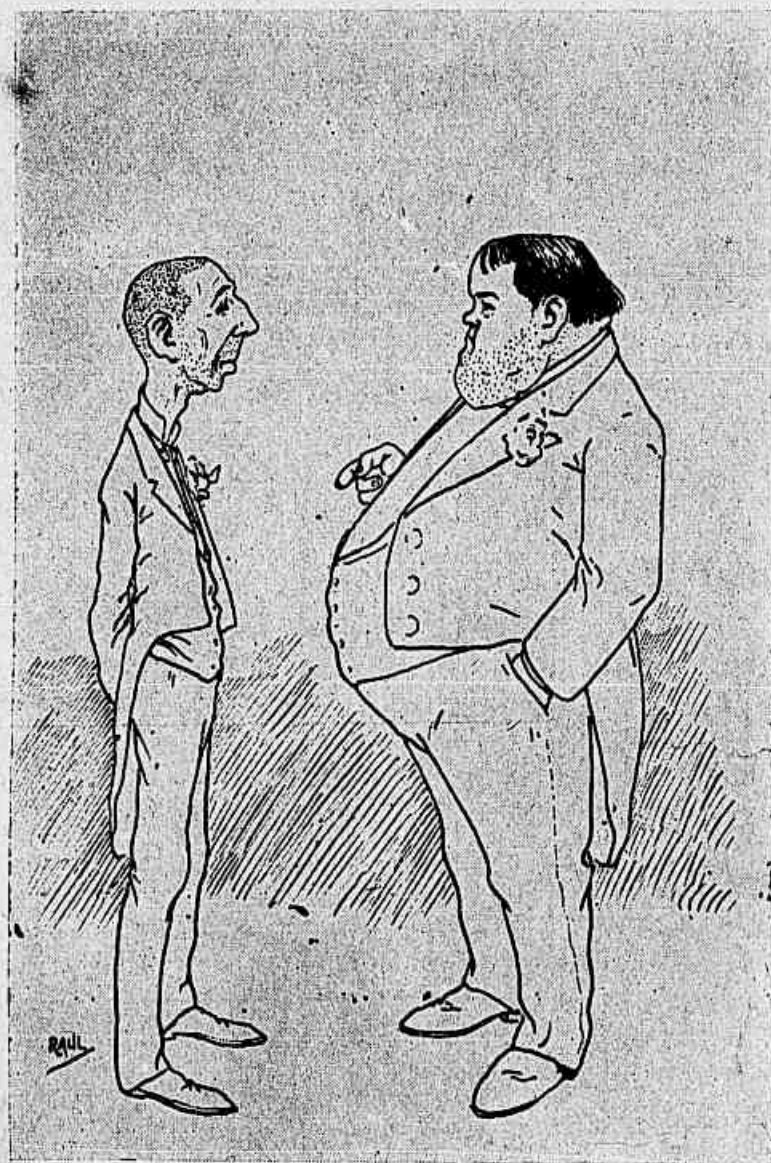
Um homem é philosopho, poeta, critico; passa a vida toda aferrado aos mais altos problemas intellectuaes e, já no declinar da idade, é feito deputado, isto de um dia para o outro, sem que elle tenha alterado os seus habitos e cogitações. E' o nosso illustre mestre, Dr. Sylvio Romero, Foi arrancado ás suas elocubrações philosophicas e plantado na camara, e, alli chegando, mal acabava de sentar-se, apresentou tres projectos de lei: um sobre *transacções commerciaes, a prazo de mais de 40 dias*; outro sobre concessões de terras por parte dos Estados; e outro fixando o maximo de homens para as policiaes dos Estados. Quem poderia suppor que o cantor dos Palmares, ao entrar para a Camara, se fosse occupar logo d'esses assumptos?...

Um outro Congresso abriu-se e fechou-se: o Congresso Juridico Americano. Fazia parte do programma dos festejos do Centenario, ou melhor fazia parte dos actos commemorativos do Centenario, pois não é dado chamar de festa a um congresso, principalmente um congresso juridico. «Discutir direito não é festa» dirão os que entendem dessas graves e intrincadas questões; e, se elles, que as entendem, pensam assim, que é que não direi eu, para quem as questões juridicas se vão tornando mais difficéis e incomprehensíveis á proporção que a discussão se aprofunda?

Vi que o Congresso se occupou de uma questão, hoje de grande interesse entre os povos cultos: a questão da... *propriedade litteraria ou direito autoral*?... Tal foi um dos pontos capitaes sobre que versou a discussão: saber se ha, de facto, uma *propriedade litteraria*, ou um simples *direito autoral*. Reconheço que é difficil resolver assim, de momento, um assumpto d'estes. Todavia, seria muito para estimar se o caso ficasse resolv'do, porque então, trataríamos de discutir a questão immediata, a questão pratica, aquella que effectivamente nos interessa: saber como é que nós, povo semi-barbaro, povo que ainda não assimilou toda a cultura e civilização do seculo, povo sem originalidade, deve entender essa propriedade litteraria, como deve regular, nesse sentido as suas relações com os outros povos?

Era isto que talvez, conviesse ser discutido... Mas saibamos primeiro se ha propriedade litteraria, ou direito autoral...

Foi reaberto o Museu; o Sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo seu Ministro do Inte-



— Você não advoga a causa da Companhia Jardim Botanico?
— Não posso accumular, meu caro; toda attenção é pouca para as das carnes verdes...

rrior, assistio á solemnidade. Li a noticia e pensei que, se as cousas inanimadas podessem sentir espanto, talvez que, a estas horas, ainda não tivessem voltado a si aquelles especimens de archeologia e botanica, e todos os outros que enchem as vitrines do velho Paço.

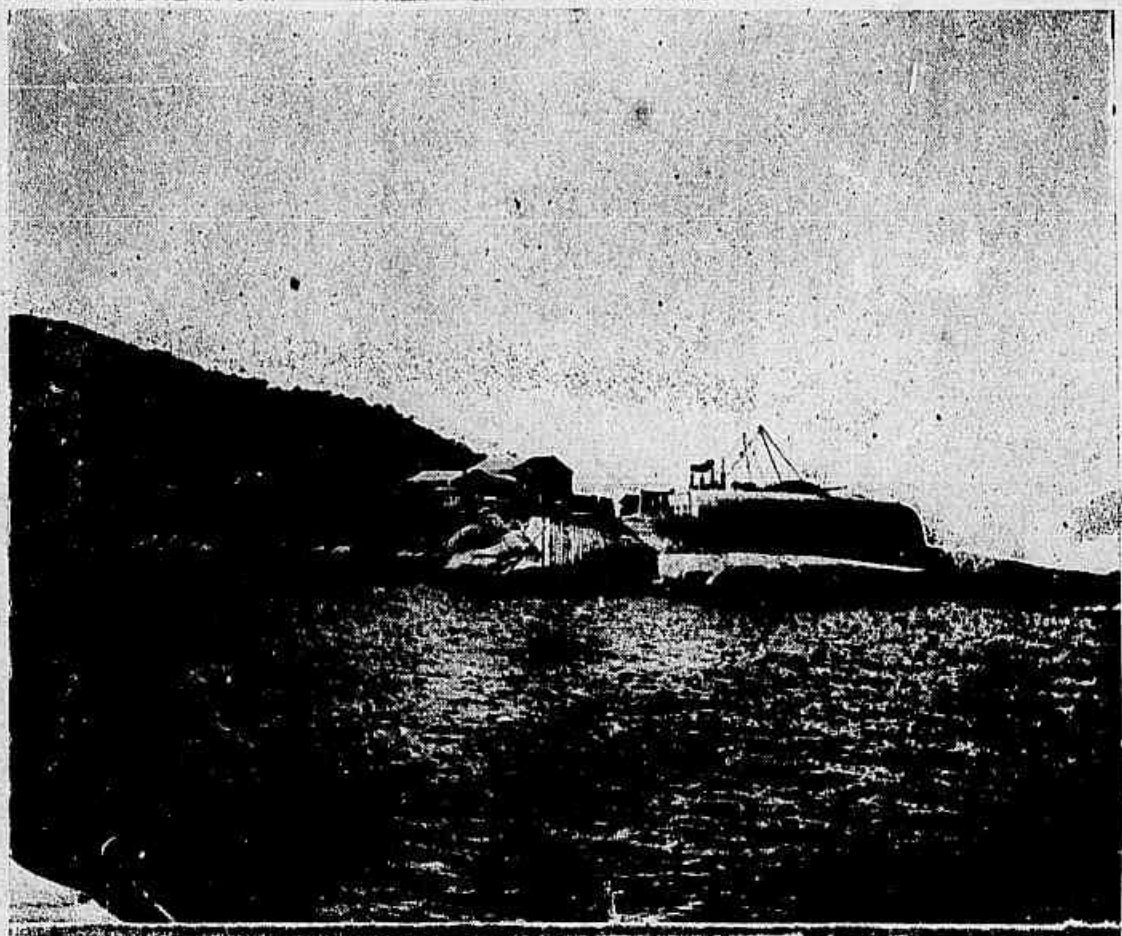
Valem tão pouco, para nós, essas cousas de sciencias ou lettras, museus e bibliothecas, gabinetes e escolas, que a noticia admira, se nos informa de uma visita d'estas!

MEPHISTO.

As mulheres boers

Ha em um dos ultimos numeros da *Mode Pratique*, um artigo interessante sobre as mulheres boers. São d'elle os seguintes trechos:

«Durante uma guerra entre os Boers e os Basoutos recusaram os inglezes que se transportasse polvora para o Estado livre. Nessa epoca o Sr. e a Sra. Wessels foram para Colesberg, na Colonia do Cabo, a dez milhas mais ou menos da fronteira da Republica, para ahi vender os productos de suas terras.



Vista do Forte Campos Salles (Imbuhy)

(Photographia João Baptista)

Viajaram, como é costume, num grande wagon coberto de lona, puxado por dezesseis bois. Com o producto da venda, os Wessels compraram pólvora e retomaram o caminho de casa. A policia da fronteira do Cabo, porém, observava o casal boer. Enquanto os bois desatrelados pastavam em liberdade, vio o Sr. Wessel marchar em sua direcção uma tropa de cavallaria. Com uma admiravel presença de espirito sua mulher descarregou a pólvora o mais proximo possível do fogo que estava acceso para cosinhar os alimentos e sentou-se sobre a pilha de saccos: podendo d'esse modo dissimular quantidade sufficiente para fazer voar pelos ares o castello de Heidelberg.

Já era tempo: os policiaes a cavallo chegavam. Com perfeita calma a senhora offereceu-lhes um pedaço do quarto de carneiro que estava assando. Os policiaes porém, agradeceram com frieza e puzeram-se a pesquisar escrupulosamente o wagon, mas, nada tendo descoberto, desculparam-se e retiraram-se com grande satisfação do casal que apressou-se em tomar o caminho do home.

Conta-se que M.^{me} Joubert, a mulher do heróe de Majouba, que morreu generalissimo dos exercitos federaes fez, durante a guerra de 1878, vinte leguas de carro por uma noite escura, acompanhada sómente de uma pre-tinha. Isso, numa estrada guarnecida de destacamentos inglezes, correndo cem vezes o risco de ser fuzilada: transportava, porém, viveres para os soldados e nada a fez recuar.

Essa mulher admiravel ficou perto do marido até a morte do general Joubert com quem partilhara todas as fadigas. Trata-se, entretanto, de uma senhora que já passou dos sessenta annos.

Os boers não são selvagens, como muita gente suppunha antes da guerra. São brancos, descendentes de emigrados francezes e hollandezes.

A raça se tem conservado de uma pureza extrema. As mulheres boers são mais robustas que bonitas; mas a sua esplendida saúde physica e moral e sua força foram mais uteis a seus filhos do que o seriam qualidades de delicadeza e elegancia.

Nem por isso são desprovidas de encantos. Casam-se cedo; cedo, portanto, vem a ter os seus primeiros filhos e ficar á testa de numerosa familia. Perdem logo a esbelteza de formas. Isso, entretanto, não parece prejudicar a felicidade domestica quer para os maridos, quer para os filhos.

Admiraveis donas de casa, herdaram dos seus ascendentes hollandezes o cuidado e o asseio. Certo espirito, que lhes é peculiar, e a animadora alegria, que seus filhos revelam nos campos de batalha de Orange e do Natal lhes vem naturalmente dos francezes.

De mais a mais, de uns vinte cinco annos para cá, operou-se uma transformação nos usos e costumes dos *Burgers*. Enriqueceram, não tanto, como se disse, pelo descobrimento de minas de ouro, porém, mais pelo desenvolvimento da agricultura e do commercio.

Os Orangistas não possuem nem minas de ouro nem de diamante e entretanto formam um pequedino Estado dos mais prosperos.

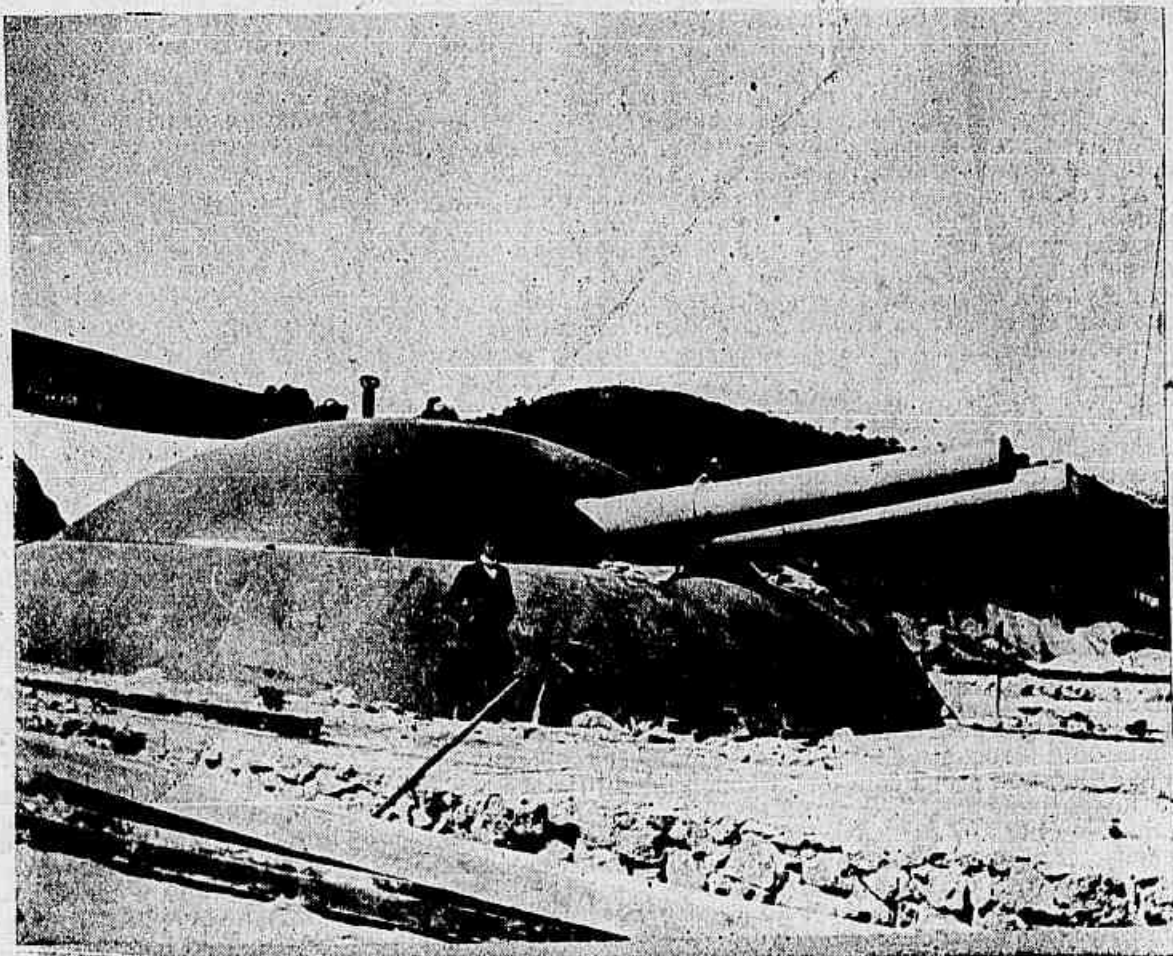
Em toda parte, quer no Cabo, quer no Estado livre, ou no Transvaal, a moça Boer recebe uma excellente educação e ao mesmo tempo que se immiscue nas partidas de caça, nos passeios a cavallo, atira a espingarda e a pistola e desempenha o seu papel de dona de casa admiravelmente, tanto na sala, como na cozinha.

O typo physico, é duplo. Ha loiras de olhos azues e morenas pallidas de olhos negros. Em geral, orgulham-se muito de sua origem. Ser de muito puro sangue Boer é uma especie de aristocracia e, se bem que algumas vezes vejam-se moças casar com Inglezes, essas uniões são ainda relativamente raras.

Um tal estado de cousas não nos deve admirar, se reflectirmos que os Inglezes do Cabo, sobretudo os do Transvaal, são geralmente aventureiros attrahidos pelas minas de ouro e de diamantes; acha-se apenas um numero muito diminuto dos que apresentam o caracter de estabilidade e honradez que deve formar a base de um bom casamento.

Outr ora um rapaz que pretendesse a mão de uma moça offerecia ameixas seccas á mãe de sua escolhida e assim lhe era concedido o favor de uma entrevista particular, cuja duração era limitada por um alfinete espetado numa vela indicando o pedaço que devia queimar durante o *télé-a-télé*. Esse uso, assim como o que consistia em escolher a noiva velas mais ou menos longas, desapareceu.

Hoje, em toda familia decente, dois dias da semana, a sexta e o sabado, são reservados aos pedidos de casamento. Se nesses dias um moço visita uma familia que tem moças para casar, é certo que já fixou sua escolha.

Cupola cõuraçada do forte Campos Salles, construcção do Engenheiro Capitão Sisson. Grandes canhões de 0.^m28

(Photographia João Baptista)

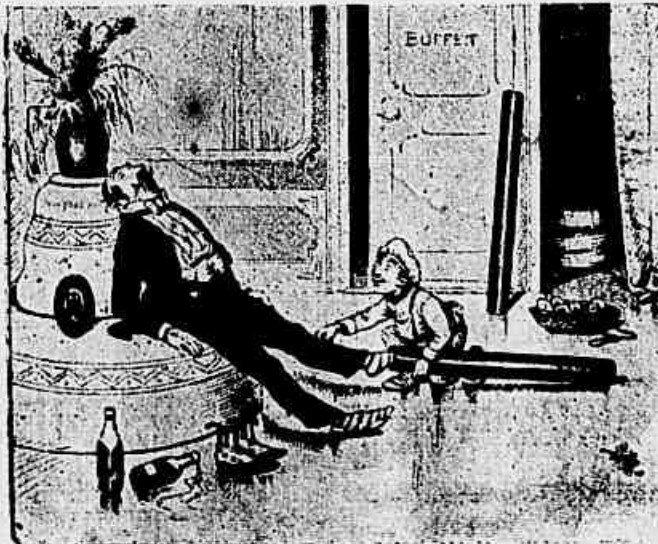
Actualmente, porém, coitãdos d'elles! quando terão mais as horas do amor e da esperanza?

Ameaçada por um formidavel inimigo, a patria tem necessidade de seus filhos: todos partiram, desde o veneravel ancião que lia a Biblia, depois da refeição da tarde, até a pobre criança de 15 annos.

Emquanto affrontam denodadamente as balas dos inglezes, as mulheres cozinham o pão de munição, que ellas mesmas levam até o mais proximo caminho de ferro.

Esperam, pobres mães, pobres esposas e pobres moças, na angustia e no terror, o fim da horrivel guerra.

Façamos votos para que se realize a paz, e que não fiquem muitas viúvas, nem muitos orphãos, nem muitos idyllios para sempre interrompidos!

(Extr. das *Fliegende Blaetter*.)

HOMO PARLAMENTARIS

Dentro do genero humano, o parlamentar apresenta todos os caracteres de uma especie distincta. São muitos esses caracteres; não os citarei todos; apontarei apenas a hereditariedade — a função perpetuando-se na familia, de geração em geração. E' categorico.

— Vícios do systema! gritam os espiritos estreitos que não sabem apanhar nem medir todas as circumstancias que concorrem para um tal phenomeno. Espiritos destituídos de senso critico. Vício por que?... Vício do systema?... De que systema?... Em todos os systemas o facto se dá, o que indica ser elle natural e logico...

Até hoje ainda não houve philosopho ou observador que, acuradamente, buscasse estudar as causas reaes que presidem á formação dos parlamentares. «A fraude, o filiotismo, a politicagem», dizem os que não lograram exito; «o ardor patriótico, o dever civico, a obediencia partidaria...», dizem os eleitos... mas são todos politicos, contentam-se com palavras e não têm a isenção de animo precisa para julgar nesta questão.

Eu quizera que um philosopho, emancipado de preconceitos, viesse estudar o assumpto; buscar as causas bio-sociaes que fazem do individuo X um politico, e um politico afortunado, sempre eleito, sempre reconhecido, enquanto que Y, tão patriota quanto X, não passa de um candidato frustrado, eternamente contestante, eternamente mallogrado. Uma causa natural de certo existe e ella deve ser analoga áquellas causas que regulam a lucta entre as variedades nascentes e asseguram a victoria das especies novas.

Tenho-me na minha: o parlamentar é uma especie nova dentro do genero HOMEM.

O Congresso está constituído; passou o susto d'aquelles timoratos que pensavam chegassemos a possuir uma Camara dupla. Passou o receio, receio aliás de todo infundado e malevolos... Por que razão se ha de considerar a nova especie como perniciosa?... Pura prevenção, prevenção gratuita e descaída. Deputados e senadores não fazem mal nem bem. Não lhes pecamos o que elles não podem dar, nem lhes imputemos a autoria de factos que estão fóra da sua acção.

Está constituída a nova Camara, e, em face d'aquella sala cheia, pergunta o observador:

— Que haverá alli, dentro d'aquellas cabeças?

A criança, impaciente, racha o bonco, abre-o para ver se encontra alguma cousa... Se abrissemos a cabeça de um deputado, que é que encontraríamos?...

Alli estão todos, novos e antigos, moços e velhos, carecas e pilosos, toscos e elegantes, aguias e corujas... Ah! que se pudessemos passear um radioscópio ideal por sobre aquelles crâneos e mirar o que lá dentro está gravado!... Veríamos, neste primeiro, um amontoado de palavras, sonoras, longas, atadas umas ás outras, occupando o logar das idéas e tendo, no pinaculo, a inscripção — *programma*: são os bem intencionados; há de soffrer muito. Neste outro depararíamos com um gorgulhar de idéas varias, debatendo-se, entortilhando-se... são os agitados, querem alguma cousa, mas quem poderá dizer ao certo qual vem a ser essa cousa?... Naquelle, tudo é roseo, o cerebro é como um bloco de optimismo. Aquelle outro apresenta tres ou quatro placas, polidas, usadas, no seio de uma massa que se move, ondulante como um bom estomago cheio. Mais adiante está um crânio completamente vazio; toda a vida se lhe concentra nas banhas calmas e flácidas, e elle alli se encontra como uma pedra em um remanso; ha vinte annos que é deputado, ha vinte annos que é aquillo mesmo: incolor, silencioso, inoffensivo, commodo, facil, digestivo, indifferente á torrente politica, sem um enthusiasmo pelas idéas que surgem, sem uma lagrima para os companheiros que morrem. Fóra das portas da Camara ninguém o conhece; e que lhe importa isso? Conhecem-no lá, no recanto do seu Estado, na sua cidadezinha natal, na qual ha uma praça com o seu nome, onde brinca uma geração de afilhados seus. Mas, lá mesmo, ninguém o tem como genio. No entanto, elegem-no; por que?... Porque elle possui os caracteres da especie, essa aptidão especial, que eu não sei definir, mas que existe...

A respeito de tal aptidão reina entre nós uma lamentavel confusão. Consideram-se como votados á carreira parlamentar aquelles dos nossos jovens onde é mais accentuada uma certa actividade intellectual, facilidade de fallar, mesmo uma tal ou qual volubildade de caracter. Começam fazendo delles bachareis em direitos. Por isso, esse typo do bacharel, advogado, orador e politico, é o prototypo dos nossos estadistas, cujo talento e valor se medem geralmente pelos discursos, pela retumbância das palavras e pelo arrojo das hyperboles.

Apezar disto nem todos os futuros genios politicos conseguem penetrar no parlamento. Ah! mas os que chegam a romper casca fazem carreira! Possuem o mais seguro elemento de exito: a confiança absoluta nos proprios meritos.

Quereis apreciar-os sob essa face, observai qualquer d'elles quando estiver corrigindo ou refazendo um discurso: é tão natural a segurança com que vai espalhando as rubricas: *movimento de attenção, muitos apoiados, muito bem, applausos prolongados, o orador é vivamente felicitado e abraçado...* é tão na-

tural, que não chegareis a qualificar-o de immodesto... E, entre si, elles já não sorriem quando têm essas cousas; chegaram a esse gráo de impassibilidade de que os augures romanos não conseguiram.

Não menos interessante é o preparo anterior do discurso. O ideal geralmente afagado é que essas peças sejam tidas como improvisos. Mas, quasi todos, escrevem-nos e decoram-nos. Desastres tem havido, emperamentos de memoria, evaporação subita de discursos que prometiam ser monumentos. Ainda assim, o costume prevalece, por que se o decorar tem os seus inconvenientes o improvisar é sempre perigoso. Já vi, na Camara, um dos seus mais notaveis oradores, guar, mourejar, correr, esbofar-se cerca de uma hora atrás de uma peroração e esta a fugir-lhe sempre, as imagens a diluirem-se justamente quando elle queria corporificar-as. Discutia-se... O melhor é não lembrar cousas tristes.

E' para evitar desastres d'esses que os mais avisados chegam ao ponto de decorar e recitar em casa os seus *speeches*, e com isto nada perdem, nem na solemnidade nem no decóro da função, mesmo porque não se comprehenderia que um parlamentar legítimo, de sangue, podesse sacrificar a sua solemnidade.

Dos caracteres exteriores da especie esse é um dos mais constantes. O individuo é moço, porem de alegria, crepitante de enthusiasmo, e tem um diploma e está reconhecido: foi como que um avatar, fez-se uma obnubilação completa no seu ser; mocidade, enthusiasmo, alegria, tudo se fundio numa crosta opaca de solemnidade. Vede-os: pequenos ou grandes, todos graves, pezados, suando elocubrações, com os profundos pensares engastados ás rugas da fronte como ostras num mangal, escassos nos sorrisos, subentendidos nas fallas, commediados nos cumprimentos, cautelosos nos conceitos, extinguindo cuidadosamente toda a expressão ao olhar e todo o calor á voz, deixando transparecer, apenas, o profundo cansaço, tão profundo e tão patente... Deve ser muito pesado o celebre carro do Estado!

Tudo isto faz do parlamento um aggregado muito confuso para quem apenas o conhece. E' preciso observá-lo aturadamente afim de poder distinguir as variedades que dentro da especie se vão formando. Saiba-se que todo o parlamento tem os seus especialistas, cuja competencia se realça por occasião das grandes discussões. Caracterisa-os um certo gr de familia: o afan e a pressa em ensinar aquillo que vão aprendendo. Tendo accordado tarde, aproveitam o menor ensejo para despejar a sciencia que hontem ignoravam. Conta-se que um dos nossos mais festejados tribunos do tempo do imperio, pegando, por acaso, num livro escolar, descobriu ahi, com grande espanto, que as baleias eram classificadas como mamíferos. Foi para a Camara no outro dia, tomou a palavra, e começou a desancar os adversarios com aquelle excesso de voz e de apostrophes que lhe eram peculiares; dão-lhe um aparte e elle berra immediatamente:

— V. Ex. ainda pensa que baleia é peixe! Ainda pensa que baleia é peixe! E desarmou com isso o illustre conselheiro que o aparteava, menos feliz, pois não tivera occasião de abrir o famoso livro escolar.

A extensão de vistas não vai além no campo da sciencia, mas a segurança dos conceitos compensa tudo mais.

Guerra, Marinha, Instrução, Direito, Medicina... tudo isto tem alli os seus especialistas, mas não passam de pequenas especialidades, de pouco brilho e prestigio curto; as grandes, as acatadas são a Diplomacia e as Finanças. Economistas e diplomatas representam os typos superiores da especie. E consolo-nos a idéa de que elles figuram em grande copia.

Dos financeiros, mais numerosos, um grande merito logo se destaca: são incompreensíveis. E', innegavelmente, uma bella cousa, um discurso sobre a balança commercial, sobre as oscillações cambiaes, sobre a circulação fiduciaria ou sobre o credito movel; mas ninguém o entende e todo o mundo o applaude.

Os diplomatas, em numero mais restricto, são igualmente inacessíveis: disputam frequentemente e, a ouvil-os, tem-se a impressão de que Talleyrand e Metternich deviam fallar assim...

A Agricultura, que soffre, talvez, falta de braços, possui uma boa somma de cabeças, judiciosas, bem avisadas... só fazem questão de auxilios...

As Obras publicas são quasi monotonas...

Sobre esses temas, vão os especialistas bordando os seus discursos, cujos debuxos quasi não variam, cujas impressões são sempre as mesmas. Num bom parlamento tudo é regimentado, até as emoções; para que haja uma verdadeiramente nova é preciso que se faça uma estrêa de orador. O espectáculo torna-se curioso e interessante, principalmente se o estreante já traz um certo renome.

Eil-o; é este, ainda ingenuo, com um accento provinciano por todo elle, nas fallas, no gesto, no rebuscado da toilette pintalgada, no apuro do penteado, no trançelino do pince-nez... eil-o, inquieto, mal seguro, affectando uma desenvoltura que



No pic-nic do Corcovado. Os tres cavalheiros que estão sentados, são, a partir da direita, os Srs. Camello Lampreia, General Cunha e Conde Antonelli, Ministro da Italia.

ainda mais lhe accentua a *gaucherie* do iniciante, ancioso, insofrido... aparteia o primeiro orador que falla: uma constricção do larynge matou-lhe o aparte, ninguém o ouviu, ninguém lhe viu o rubor... Tudo isto o mortifica. Vive entre desapontado e deslumbrado. Inscreveu-se para fallar; chegou a hora... Elle já tem fallado lá no seu Estado; aprendeu o gesto, as attitudes e a mimica inexpressiva e classica dos nossos oradores politicos; a voz é rythmada no carrilhão dos discursadores que ouvimos todos os dias. Pela entonação, pelo gesto, pelo estylo e pelo aspecto, é o typo tradicional dos nossos tribunos: não sabe articular, não sabe dizer, não sabe respirar, não sabe dobrar a voz ás nuancas do pensamento (?), não tem modulações, não tem inflexões; toda a sua expressibilidade se faz dentro de uma resumida escala de gritos: «SENHOR presidente, sabe a Camara e sabem os meus COLLEGAS...» e lá se vai com aquelle mesmo grito, de distancia em distancia, subindo e descendo como um vagone de montanha russa...

Nesse primeiro discurso, o *debit* é precipitado, a pronuncia torna-se mais pastosa, ensalivada, e se o estreante é feliz, se a commoção não lhe embargou a memoria, se a peça sahio tal qual a compoz, vemol-a desenrolar-se num rosario de phrases consagradas, phrases que os tachygraphos vão notando e saudando como saudava Rossini as velhas phrases musicaes que ia encontrando na opera nova do seu amigo. As apostrophes grelam umas sobre as outras enquanto elle finca o olhar tremendo sobre a mesa, ou passeia uma interrogação pelas bancadas... Num certo momento, a voz se lhe faz sussurrante na garganta... E' este de certo um momento solemne, é a peroração que vai começar; as mãos espalmadas desenhão no ar uma imagem, segue-se-lhe uma imprecação e um voto de sacrificios... Vem os abraços, as effusões e elle sahe do recinto, embragado, tendo a sensação daquellas azas da fama que o levarão aos outros seculos; arrasta no seu esvoaçar tres ou quatro amigos e, passados os espasmos do triumpho, explica-se, comenta-se, numa volubildade irreprimivel, espontanea, radiante, gloriosa... E' aquella a sua ultima manifestação de vivacidade.

M. BOMFIM

O FESTIM DE SANGUE

A viagem no expresso fóra monotona e, como sempre, incommoda. Tinha eu a vista turva, os olhos atulhados de poeira e de carvão, irritados pela longa vigilia de dezoito horas, que se seguiram á noite mal dormida da vespera.

Ao desembarcar na Central, após anno e meio de exilio no interior de Minas, o advento pareceu-me uma resurreição; o clarão lunar dos arcos voltaicos, o resplendor das paredes e das guarnições dos biombos, reformados de fresco e depois... o pinotear do tilbury ao longo das ruas centraes da cidade, trouxeram como que uma revivencia ao meu espirito, abatido de tedio e de insomnia.

Acabei por despertar de todo, no meio dos ultimos clamores nocturnos da rua do Ouvidor, onde raros vendedores ambulantes apregoavam os jornaes da tarde.

Ao tomar de um delles, ao acaso, deparou-se-me, em letras garrafas a seguinte epigraphe, bem no centro da primeira pagina: *O festim de sangue* — e logo abaixo: — «Pára ainda completo mysterio sobre o caso de que hontem fomos os primeiros a dar noticia, sob o titulo acima. Alguma pouca luz foi feita sobre a lamentosa occurrencia, mas ainda assim, pouco ou nada adeantando a respeito do crime. O cadaver encontrado foi reconhecido pertencer á esposa do nosso mallogrado poeta Homero da Silva. Interrogado este, mostrou-se sorpreso, profundamente acabrunhado, como que allucinado, em consequencia de tão doloroso golpe. Suas declarações são vagas, posto que não contradictorias, sem que tenham entretanto despertado a mais leve suspeita da parte da autoridade. Demais sua innocencia resalta do depoimento da unica testemunha apresentada, a propria creada Emilia».

Tal noticia, singela e eloquente em sua concisão, foi para mim como um tiro desfechado á queima-roupa. Homero havia sido meu companheiro de infancia e amigo inseparavel, desde longa data. Desde anno e meio que não nos viamos; agora o prazer do nosso encontro ia ser irremissivelmente sacrificado pelo funebre acontecimento que se nos interpunha.

Achava-me exausto de fadiga, faminto, sujo de pó, mas não hesitei um minuto. Tomei novo tilbury, corri lá rua do Riachuelo, residencia do meu amigo: elle lá não estava; informado por alguém da visinhança, transportei-me á 2ª delegacia auxiliar, por onde se fazia o inquerito.



Grupo de senhoras no pic-nic do Corcovado



Visita do General Cunha ao Collegio Militar

Ahi um soldado de policia me declarou que o interrogatorio estava para terminar; esperasse eu alguns minutos. Mas, ansioso por saber, ardendo em febre, não quiz perder tempo. Voltei á rua do Ouvidor, onde me muni dos jornaes da vespera. Todos elles relatavam mais ou menos o seguinte:

Havia de ser seis horas da manhã quando um hortaleiro, ao atravessar as matas da Tijuca, em busca da situação onde se costuma abastecer, foi altrahido ao centro de uma moita, em que existe, ha longos annos, tosca mesa de pão, por qualquer coisa de branco, cuja presença era alli por demais suspeita.

Tratava-se, nem mais nem menos, dos destroços de um banquete, semi-ocultos no recondito da folhagem, desordenadamente esparsos, onde poucas iguarias ainda intactas, destacavam-se da alvura da toalha. Mas a nota horripilante, juntada ao mysterioso do espectáculo, era o cadaver de uma mulher moça, atirado ao chão, por sobre as hervas rasteiras, com a face congestionada, os olhos a saltarem fóra das orbitas, dando visiveis signaes de estrangulamento.

Seguiam-se pequenos detalhes a respeito do vestuario da victima e das victualhas esparsas, acompanhados de muitos commentarios explicativos do movel do crime.

Voltei á delegacia; o cerebro parecia querer rachar-me o cranio, de tal maneira se me hypertrophiára.

Mal penetrára no saguão do velho predio, quando um homem, de face macilenta e olhos esbugalhados atirou-se-me nos braços, sem pronunciar uma só palavra.

— Meu pobre Homero, exclamei extremamente comovido, excitado pela insomnia e pelo doloroso espectáculo. Duas lagrimas rolaram-me pela face.

— Vamos sair, fallou então o Homero, abandonando o mutismo, vamos a algum lugar onde se beba, preciso beber... e muito!... Que coisa horrivel!... não podes imaginar... sim, é verdade!... — e cahindo em si, como que vindo de um sonho: — Vou contar-te tudo... Na policia não disse a verdade; neguei, não por covardia, mas porque estava desvairado, inconsciente... perderei toda noção do acontecido!... mas agora me lembro... vem connigo á *Maison Moderne*... a qualquer parte... preciso beber!...

Elle segurou-me com seu pulso de athleta, arrastando-me fóra da casa. Achava-se desfigurado; se não me houvesse fallado, não o reconheceria. Deixei-o gordo, musculoso, jovial; encontrava-o pallido, hectico, com voz cavernosa e feição desvairada. Pobre Homero!...

Sahimos como dois somnambulos. A noite escurecera, o céu ennublára-se, grossos pingos de chuva pozeram-se a cahir pesadamente. Alguns vagos passeantes corriam apressadamente, fugindo á borrasca prestes a desabar.

Andámos á lóá, sem fito; passámos pela *Maison Moderne* sem entrar; pareceu-nos haver alli muita gente e muita luz. Na rua da Constituição deparámos com um café nocturno, cuja sala, muito profunda, se achava vazia. Dois bicos de gaz, collocados á entrada, atiravam um clarão bago e amarelento para o interior, deixando as mezas do fundo em uma quasi penumbra.

Ahi nos sentámos, quasi que automaticamente, em busca de um retiro escuro, onde se pudesse expandir livremente aquella cousa mysteriosa que sobre as nossas cabeças pairava.

Um creado somnolento trouxe-nos de beber: cerveja e cognac, si bem me recordo. Homero, solemne como um brahmã, esvaziou dois copos, sem dizer palavra, a fitar as taboas do tecto.

Transido de emoção e compenetrado, ao mesmo tempo, da gravidade da confidencia que, certamente, me ia elle fazer, não ousei interrogar-o.

Mas, de repente, os seus olhos se puzeram a brilhar com feição sinistra: as pupillas tornaram-se-lhe pequeninas, concentradas em dois pontos luminosos, faiscantes; — e elle rompeu o silencio:

— Preciso dizer-te toda a verdade: sim, agora bem me lembro... Leste, de certo, a noticia dos jornaes?... Sabes da profunda afeição que nos unia, a mim e a minha mulher... pois tudo se foi, tudo acabou-se; o acaso, o cruel perseguidor dos desgraçados, vibrou-me um golpe violento, fez de mim um assassino involuntario!...

— Que dizes?...!

— Sim; agora me recordo... pobre Alice... coitada! horror!... era ella... matei-a em uma crise allucinatória!...

E o Homero, no auge da superexcitação, bebeu novo copo, sem attentar no que fazia. Depois, com voz ainda mais sumida e rouca, as faces impregnadas de uma lividez macabra, contou-me em phrases entrecortadas, desconnexadamente, o seguinte:

A primeira vez que sentira uma allucinação, fóra em noite de luar, da janella da casa, situada no alto de um morro, d'onde se descorria largo panorama.

Pareceu-lhe distinguir por entre o arvoredado do quintal visinho, vasta e branca toalha, de proporções indefinidas, estendida sobre a relva, como que simulando um banquete, onde pratos servidos reluziam ao clarão da lua.

A principio não comprehendeu a significação d'aquillo, nem deu sequer importancia ao phenomeno, fructo talvez da fadiga intellectual ou do abuso do alcool. Mas uma repetição insistente da mesma visão, em todas as horas e toda a parte, começou a impressionar-o sobre-modo.

Por fim o quadro era mais nitido, as figuras representadas assumiam feições mais materiaes e junto, em frente a cada prato, destacava-se uma caveira humana, cujas mandibulas, escancaradas, pareciam rir desabridamente.

Em uma d'essas apparições se lhe apresentou enorme esqueleto que, tomando a chefia da reunião, se poz a lhe fazer gestos insinuantes e significativos, como quem o convidava a tomar parte no festim.

Aquillo foi para elle uma revelação. Era um appello da propria morte. Uma idéa fixa invadiu-lhe desde então o cerebro e agora o dominava por completo. Sentia-se suggestionado, possuido: era preciso vencer a obsessão, mas como? Quiz reagir, mas não leve forças para lutar.

Por isso, resolveu beber e beber muito: sob a acção do alcool, haurio coragem na propria excitação, a emoção parecia-lhe menos intensa.

Na vespera do dia em que se dera a catastrophe, passeava só o triste pelos lados do Andarahy, quando, em uma volta do caminho appareceu-lhe um vulto. Era elle, sempre elle! Homero acabára de beber: achava-se calmo e forte. O esqueleto disse-lhe: — « Amanhã é Sexta-feira Santa: é preciso que vás ao festim: vai lá acima, onde estarei, leva uma toalha, alguns pratos e tudo o que puderes carregar contigo. E' o teu dia de regeneração pela morte. »

Homero procurou reagir. — Não vou! exclamou elle. Mas o phantasma fez-lhe um grande gesto imperioso. Pareceu mesmo perceber ossinhos frios que lhe apertavam a garganta. Um halito ainda mais frio e entonte-

cedor, como vindo de além-tumulo, bafejou-lhe o rosto. Sentio-se derribar e estender o corpo ao longo do laggedo, enquanto a voz ronquenha do esqueleto fallava baixinho, muito baixinho, como uma carícia:

— Vem, tolo, vem comer e beber connosco no eterno folguedo da eterna vida de libações: é preciso que teus musculos se mirrem e com elles se extinga a luta improficua, o torpe trabalho: que os teus nervos se aniquilem e com elles a dôr, o tormentoso pensamento, o desejo insaciavel. E' preciso que tua materia organica se transforme em mineral, indestructivel, para o goso perenne de um Nirvana embriagador. Não faltes: está lá amanhã pela volta de meia noite.

Quando o meu pobre amigo voltou a si, achou-se em casa, nos braços da esposa, que mal teve um sorriso triste para acolher as primeiras palavras pronunciadas por elle.

Passou uma noite de pesadelos assombrosos, em que o horrivel da imaginação attingio a seu auge.

A' noitinha vollaram-lhe as visões, mas sem nitidez de formas: era como uma nevoa longinqua, acompanhando a tudo isso uma necessidade imperiosa de executar a ordem na vespera recebida.

Final não pôde mais resistir: vestio-se, apoderou-se de uma toalha de mesa, de guardanapos, pratos e talheres. Fez de todas as cousas um grande embrulho e sahio.

Em caminho, comprou as victualhas que encontrou á mão, ao acaso, sem noção nitida do quanto fazia, obedecendo como um automato. E seguiu a pé, desvairado, pelo caminho da Tijuca. Então... perderei a consciencia de tudo o mais.

As feições do Homero, que, até então, se tinham conservado momentaneamente calmas, como que em um retorno de lucidez, passaram a se contrahir espantosamente, num esforço supremo. A narração começou a ser desordenada, incomprehensivel. Elle parecia flitar qualquer cousa ao longe, no canto escuro da sala.

— Sim!! gritou arquejante, espera... — e agarrou-me com soffreguidão no braco — sim!... era ella, a minha pobre Alice, que me acompanhára até lá acima... e eu que julgára ser o phantasma... horror!... é verdade... Quando ella me fallou, julguei ser elle quem discorria, senti snores frios... era o halito da morte, que me percorria a medula!... Então, ainda uma vez deu-me forças o instincto de conservação... Procurei fugir, mas elle... digo: ella — agarrou-me como louca e eu, delirante, ardo em furia, segurei-a pela garganta, sentindo ossos esquelidos pelos dedos! Que horror! Que horror!...

Nisso o Homero ergueu-se, presa completamente de nova allucinação: os membros tremiam-lhe de pavor e os dois olhos, injectados, pareciam querer explodir.

— Alli está... alli está ella que me chama... oh! não, é elle d'esta vez... o miseravel!... — berrou apontando para o ponto imaginario — não me terás!... não, não me terás!... — e freneticamente, quebrando uma das garrafas contra o marmore da mesa, poz-se a vibrar, com as laminas de vidro, varios golpes na garganta.

E logo cahio no assoalho, com fragmentos de palavras a lhe borbulharem pela bocca, de mistura com o sangue, em golphadas. Aquillo tudo fazia um *glu-glu* infernal. O criado acudio: juntos procurámos erguel-o; estava já agonizante.

Por bem fazer, mal haver...



— Ah! sim! é verdade... Não me lembrava do tal serviço. Precisamente por isso, não caio na asneira de ir hoje. Vou para a pandega.

II

O chefe, zangado, ao empregado que entrou:

— O senhor está ficando muito relaxado. Só agora é que chega, quando passam dez minutos e sabe que ha trabalho urgente! Não é sério! Assim terei de despedir-o dentro em pouco tempo.



III



tar-me.

— Felizmente o trabalho acabou: vejo, porém, com prazer que o senhor é um empregado sério e trabalhador. Fez muito bem em vir. Vou promovê-lo na primeira vaga que se der.

COMO SE HYPNOTISA

O hypnotismo conserva, para muita gente, um prestigio extranho e maravilhoso. E' um legado dos tempos em que esteve associado a outras sciencias occultas. Quando a uma pessoa de pouca cultura se quer dar a razão de ser de qualquer acção inintelligivel, basta dizer que é produzida ou pelo hypnotismo, ou — ainda melhor — pelo magnetismo. O que seja isso ella não sabe, mas accêita a simples palavra como uma explicação boa e válida. Julga comprehender.



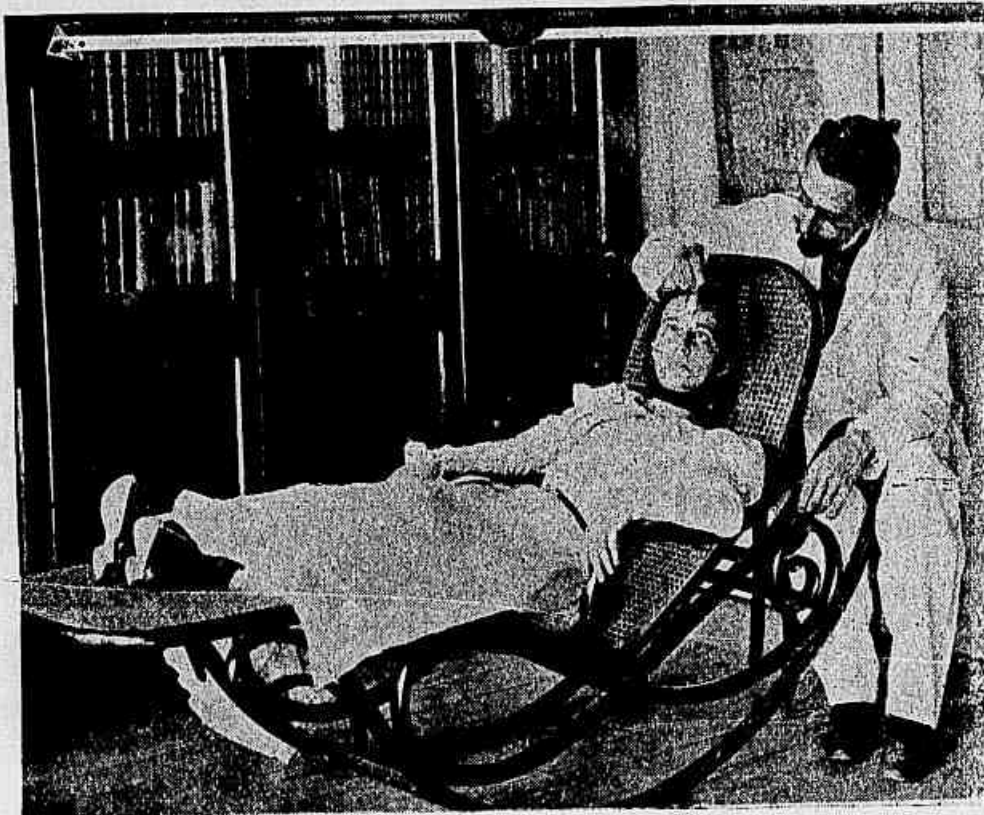
Não ha muito tempo, cogumellaram de subito nesta cidade diversos curandeiros, todos elles dizendo-se saturados de fluidos magneticos, com que se prestavam tão facilmente a curar callos, como

a endireitar coremndas! Deposições que a esse respeito fizeram na policia alguns dos homens mais illustrados da nossa sociedade, mostraram quanto estas questões de hypnotismo e magnetismo lhes são extranhas. Por ali se pode avaliar o que não acontecerá na massa popular!

Não vamos aqui fazer um curso pedantesco de tal disciplina. Ha, porém, muita gente que gostaria de saber como se hypnotisa. A tarefa é susceptivel de ensino rapido. D'antes, se acreditava que era necessario ter uma dom especial, possuir por exemplo, olhos extraordinariamente brilhantes. Nada d'isso é preciso. Hypnotisar — qualquer pessoa pôde.

Que se requer para isso? Só uma cousa: vencer ao paciente que elle vai ser hypnotizado, que, portanto, tem de dormir. Os diferentes processos — e são innumerados — vem a dar nisso mesmo. Como, porém, nem todas as pessoas se deixariam persuadir com uma simples palestra, é bom recorrer aos meios auxiliares.

O mais usado é o da fixação do olhar. Faça o paciente sentar-se em sua frente, tome-lhe os pollegares e fixe-o demoradamente. Durante esse tempo, de espaço a espaço, ordene-lhe ou persuada-o de que elle vá dormir. Não se limite á ordem simples; suggira tambem os symptomas: « Durma... durma... dentro de pouco tempo sentirá somno... as palpebras começarão a pesar-lhe... não pense em nada... durma... durma... » Que a sua voz tenha o tom persuasivo de quem pede com mei-



guice, ou o auctoritarismo secco de quem manda, conforme a pessoa a quem se dirigir. Um criado, um soldado, um homem ou mulher, habituados á obediencia passiva, devem sentir o tom de ordem. Pessoas de outra categoria, precisam ser tratadas conforme o seu temperamento.

Vai nisso uma questão de tacto, que nenhum artigo ou livro logrará ensinar. A's vezes, uma senhorita muito genfil, muito delicada, é uma pequena pessoinha caprichosa, contrariante, que precisa menos de rogos que de um mandado peremptorio e rude. Não é uma observação tantas vezes feita pelos romancistas a preferencia de certas mulheres pelos confessores, que lhes dão penitencias fortes e tratam-nas com dureza?

Ha, por isso mesmo, uma illusão geral em acreditar que se hypnotisam com facilidade maior as « nervosas ». Ora é exacto, ora não. Com a mesma docilidade cedem, ás vezes, promptamente, como resistem de um modo desesperador. O mesmo não succede em geral á boa, simples e sadia gente do povo.

— Mas basta de véras que o hypnotisador, sentado frente a frente com o hypnotisado, fique a repetir-lhe de quando em quando, como um estribilho, as palavras: « durma... durma... »?

— Pôde bastar. E' questão de tempo, vagar e paciencia. Em torno dos dois, reinará profundo socego: tanto as conversas em voz alta, como os cochichos e os leves passos dos que entram e sahem em pontas de pés distraem sempre o paciente. Silencio absoluto! Em meio d'elle, que só se ouça a voz do operador, monotona, insistente, embaldora, fallando em olhos que se vão fechar, na cabeça que está pesando, no somno que vem, e aconselhando infatigavelmente: « durma... durma... »

— Mas isso é uma caceleação atroz!

— E quem lhe disse que a caceleação não é um processo hypnotico de primeira ordem?

— Mas, nesse caso, o somno obtido é o somno normal.

— Boa duvida! Mas nem ha outro. Não existe nenhuma differença essencial entre o que se obtem graças a taes processos, e o que é conseguido por qualquer ama secca, cantando, para um fedelho dormir, esta canção altamente philosophica e metrificada parnasianamente:

Tu-lu-ru-ru
Menino jacú
Teu pae, tua mãe
Que te comam com angú!

— Mas então, para que hei de eu tomar os pollegares do paciente e fixe-o?

— E' um modo de mantel-o mais attento, mas que não possui nenhuma efficacia especial. Si lhe fôr possível, convença-o, porém, de que por seus pollegares estão passando ondas de fluido hypnotisante. Isso dá prestigio.

— E quanto tempo pôde durar essa massada?

— O tempo que o senhor e o seu parceiro tiveram para gastar: cinco, dez, vinte, sessenta minutos.

— Mas é intoleravel estar assim a jogar o sério por uma hora.

— Tem razão. Se quizer, reparta a hora, por tres sessões de vinte minutos cada uma, com intervallos de cinco a dez. Melhor, porém, será, si não tiver obtido nada da primeira e não tiver urgencia de conseguir resultado, guardar a nova experiencia para o dia immediato e, se fôr possível, á mesma hora. Ha pessoas que, assim que se experimenta, dormem logo, em um ou dois minutos. Ha outras que demandam cincoenta e sessenta sessões. Nesse caso, é muito util amolar-lhes a paciencia todos os dias, e, como já ficou dito, á mesma hora: é uma educação que se vai fazendo. Convem, entretanto, que nunca, absolutamente nunca e de modo algum,

o operador revele falta de confiança, no exito final. Por mais desanimado que esteja, não o deixe perceber, nem permita que alguém o diga, sem contestar vivamente. Revele que tem fé, para poder inspirar-a. Tudo está em persuadir a quem se sujeita á experiencia.

O methodo indicado, de fixação dos olhos do paciente nos do operador, é bom, mas fatigante. Ha outros mais simples. Toma-se, por exemplo, um objecto brilhante, que pode ser um thermometro, ou, mais facil ainda, uma colhêzinha, que se colloca um pouco alta, no espaço entre os olhos, de sorte que estes sejam obrigados a ficar vesgos para poder fixar a sua ponta. Comprehende-se que o esforço para manter a fixação em taes condições é ainda maior. Cansa-se a vista muito mais depressa. Ora, no nosso espirito, desde que nascemos, ha uma associação de idéas solidamente firmada entre estas duas sensações: olhos fechados e somno. Assim, se por qualquer modo fatigam-se de tal maneira as palpebras, que ellas não se podem conservar abertas, a idéa de somno vem inconsciente mas fatalmente. Vem tanto melhor, quanto, durante esse tempo, o operador não cessou de ir recitando a sua ladainha, em que o ora pro nobis é substituido — de espaço a espaço — pelo: « Durma!... Durma!... Vai dormir!... » Dessa maneira, a suggestão de somno está sempre presente. Que se lhe

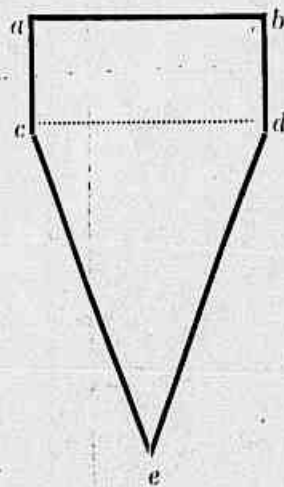
neira as palpebras, que ellas não se podem conservar abertas, a idéa de somno vem inconsciente mas fatalmente. Vem tanto melhor, quanto, durante esse tempo, o operador não cessou de ir recitando a sua ladainha, em que o ora pro nobis é substituido — de espaço a espaço — pelo: « Durma!... Durma!... Vai dormir!... » Dessa maneira, a suggestão de somno está sempre presente. Que se lhe



junte a impossibilidade das palpebras se abrirem, e tudo estará feito.

— Mas sustentar por dez, quinze, vinte minutos um objecto é, pelo menos, muito aborrecido.

— Não ha duvida. Póde-se evitar tambem isso. Corte em uma folha de papel uma figura tendo mais ou menos as dimensões do desenho aqui feito.



Feito isto, dobre o pedaço pela linha pontuada, de modo que as duas partes façam uma com a outra um angulo recto. Depois, é só collar a superficie a, b, c, d na testa do paciente immediatamente acima do nariz. Fica, portanto, a parte c, d, e perpendicular ao rosto. Pois bem: mande o paciente fitar a pontinha do papel com ambos os olhos: terá assim de envesgal-os e a situação será a mesma já acima descripta com a colher. (Veja a 4ª photographura das que illustram este artigo). E, de principio a fim, não se esqueça de azuerinar-lhe a paciência, obrigando-o a ouvir a caceteação do «durma... durma... vai dormir...»

Como se está longe, com esse papelsinho collado á testa, do prestigio dos velhos processos espectaculosos! Nem por isso elle é menos efficaç. Ao vêr assim o paciente, parece que, estando com a cachola vazia, pôz nella escriptos como se fosse uma casa para alugar...



Não faz mal... Se o operador entende, como o Jupiter da opereta, *qu'il faut frapper l'imagination des peuples*, convença o individuo de que aquelle papel tem effeitos especificos e decisivos. A uma preta que, fingindo ceder, buscava entretanto resistir, vi abandonar toda idéa de protesto, com um estratagemma simples. Desenhou o operador, gravemente cinco cruces na face superior do papel, onde, na estampa ao lado, estão os cinco asteriscos, enquanto, durante esse tempo, mechiá os labios, como se estivesse rezando alguma oração kabbalistica. Ao terminar, collou o papel na testa da paciente e disse-lhe com ar de inabalavel convicção:

— Agora, minha velha, só Nosso Senhor é que não dormiria!

E foi dito e feito. A negra fechou logo os olhos.

Em outro caso, tratava-se de uma moça de certa instrução. O hypnotizador tomou, muito sério, um frasquinho que enchêra de tinta e pingou uma gota sobre a parte do papel que devia ficar junto á testa. Fez isso com a maxima solemnidade. Parecia estar lidando com *acido prussico*. — «Mas que vem a ser isso?» perguntava a sua interlocutora: — «*ACIDO BOBYRICO, minha senhora. A sua penetração através da pelle da testa é de um effeito extraordinario: produz um somno irresistivel. E', porém indispensavel não passar de uma gota.*» Secou a mancha, collou o papelucho á testa da moça mandou que fitasse a ponta e, em dois minutos, ella estava dormindo...

Isto lhes mostra que não se deve explicar ao hypnotizado o mecanismo da produção do somno, se por acaso elle o ignora. Caso acredite em fluidos, sature-o de fluidos... hypnothetics... Se está convencido de alguma acção mysteriosa, não lhe tire a convicção. Sorria enigmaticamente, como quem tem graves cousas a revelar mas não póde quebrar o sigillo da Iniciação e utilise-se d'essa excellente disposição de espirito. E' o que fazem os curandeiros.

Chega, porém, um momento em que o individuo está de olhos fechados, dormindo ou parecendo

dormir. De que modo saber se está hypnotizado devêras ou simulando?

Os meios para reconhecer-se a simulação são em geral complicados e não cabem aqui.

Como, porém, supomos estar lidando com pessoas de boa fé e isto não chega a ser um curso de hypnotismo, cumpre terminar dizendo como se acorda quem está hypnotizado.

A cousa se faz de um modo muito simples: ordenando á pessoa que desperte. Melhor será, entretanto, prevenil-a com alguma antecedencia, dizendo por exemplo: «*D'aqui a pouco, vou mandal-a acordar. Assim que eu disser: acorde! abrirá os olhos e ficará perfeitamente desperta.*». Se o hypnotizado não obedecer logo, é indispensavel que o operador nem um só minuto perca a necessaria calma. Não revele a ninguém, ainda que em voz baixa, que ficou surprehendido com a resistencia. Não permita que na assistencia qualquer pessoa ponha em duvida a possibilidade de fazer o hypnotizado voltar ao estado de vigilia. Imponha silencio; revele-se calmo e insista na ordem, com firmeza e habilidade: «*Bem; estou vendo que ainda precisa dormir cinco minutos. Irá acordando aos poucos...*». De minuto em minuto, vá então suggerindo os symptomas do acordar e fingindo notal-os na physionomia do paciente: «*Vejo que está menos adormecido. O somno se vai dissipando... Sente a cabeça mais leve...*». D'aqui a pouco acordará... Faltam quatro minutos... faltam tres...». E assim até o momento exacto, em que lhe ordenará bruscamente, com toda autoridade: *Acorde!* Póde então, soprar-lhe fortemente nos olhos do que está dormindo. Não hanada a receiar, si o operador não abandona um só momento o seu sangue frio.

Dizer-lhes o que se póde fazer com uma pessoa em estado de hypnose seria de mais. Ainda uma vez, lembro-lhes que não abri nestas columnas um curso dessa materia. De um modo geral, o hypnotizado obedece a tudo que lhe ordena o hypnotizador. Se, por acaso, se lhe estende um braço e garante-se que não o póde baixar, fará em vão, para esse fim, os maiores esforços, sem conseguil-o. Mandar ouvir imaginaria musica, ver uma scena de qualquer natureza inteiramente phantastica, sentir num copo de agua sabor que lá não existe, ou deixar de sentir o que de facto ha em qualquer droga: tudo isto e muito, muito mais! se consegue sem custo. No tratamento de innumerables molestias, suggerir o

desapparecimento da dor, da inappetencia, do mal estar, da insomnia — são cousas que tambem são alcançadas com exito e facilmente.

E' claro que os processos acima indicados nem sempre se mostram efficaçes. Luta-se, porém, contra os casos mais rebeldes, já aproveitando a acção de certas drogas narcoticas, do chloroformio, do trional, de outras — já utilizando o somno natural, para fazer assim as primeiras suggestões.

Esqueci-me somente de mencionar um derradeiro processo: lêr este artigo! Ha com certeza cidadãos honrados que, se o começaram bem do principio e vieram por elle adiante até esta altura, já devem estar cochilando. Pois que durmam em paz!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

Excesso de exigencias



— Já te disse que não mettias os dedos no nariz!
— Mãe não quer que eu os metta nos bolsos, a cozinheira fica furiosa se os metto nos doces, o Sr. prohibe que eu os ponha no nariz. Afinal, não sei onde os deva pôr!



Não sei se os leitores d'esta secção — caso os tenha — achal-a-hão desnecessaria. A's leitoras é licito critical-a, verificar que é mais ou menos bem feita, mas não lhes cabe julgar-a inutil. Uma mulher que affecta indifferença ácerca da toilette deve ter realmente uma absoluta falta de senso.

Pouco importa saber se devia ou não ser assim. Talvez, de futuro, numa sociedade profundamente diversa, as cousas se passem de um modo differente. Que as reformadoras, se quizerem, atirem-se desde já á luta e vistam-se até, como desejam umas inglezas desabusadas, de calças e sobre-casaca! Aquellas, porém, que não pretendem corrigir o mundo, precisam conformar-se com o que domina a sociedade actual. Do contrario pagarão a teimosia com a sua felicidade pessoal e domestica.

Ser faceira é até certo ponto, não só permittido, como obgrigatorio: obrigação que nos devemos impor a nós mesmas. Ella faz parte dos deveres de uma boa esposa, de uma boa dona de casa. Não cuidem que haja nada de futil nas nossas pequeninas e graciosas futilidades! Um laço de fita, um arranjo elegante de cabelo, qualquer d'essas minusculas cousas, insignificantes mas gentis, prendem mais um marido, do que, muitas vezes, longos annos de dedicação e amor!

E' verdade que ninguém póde tornar-se um typo de belleza. Todas, entretanto, podemos chegar até o que os francezes chamam — *une jolie femme*. Não seremos, se a natureza não quiz ser amavel connosco, modelos de formosura. Isso não se aprende. Seremos, porém, se o quizermos — e a sciencia é aliás bem facil — bonitas. A elegancia e a graça são susceptiveis de aprendizagem e conquista. Um poeta já disse aliás que a graça valia mais que a belleza:

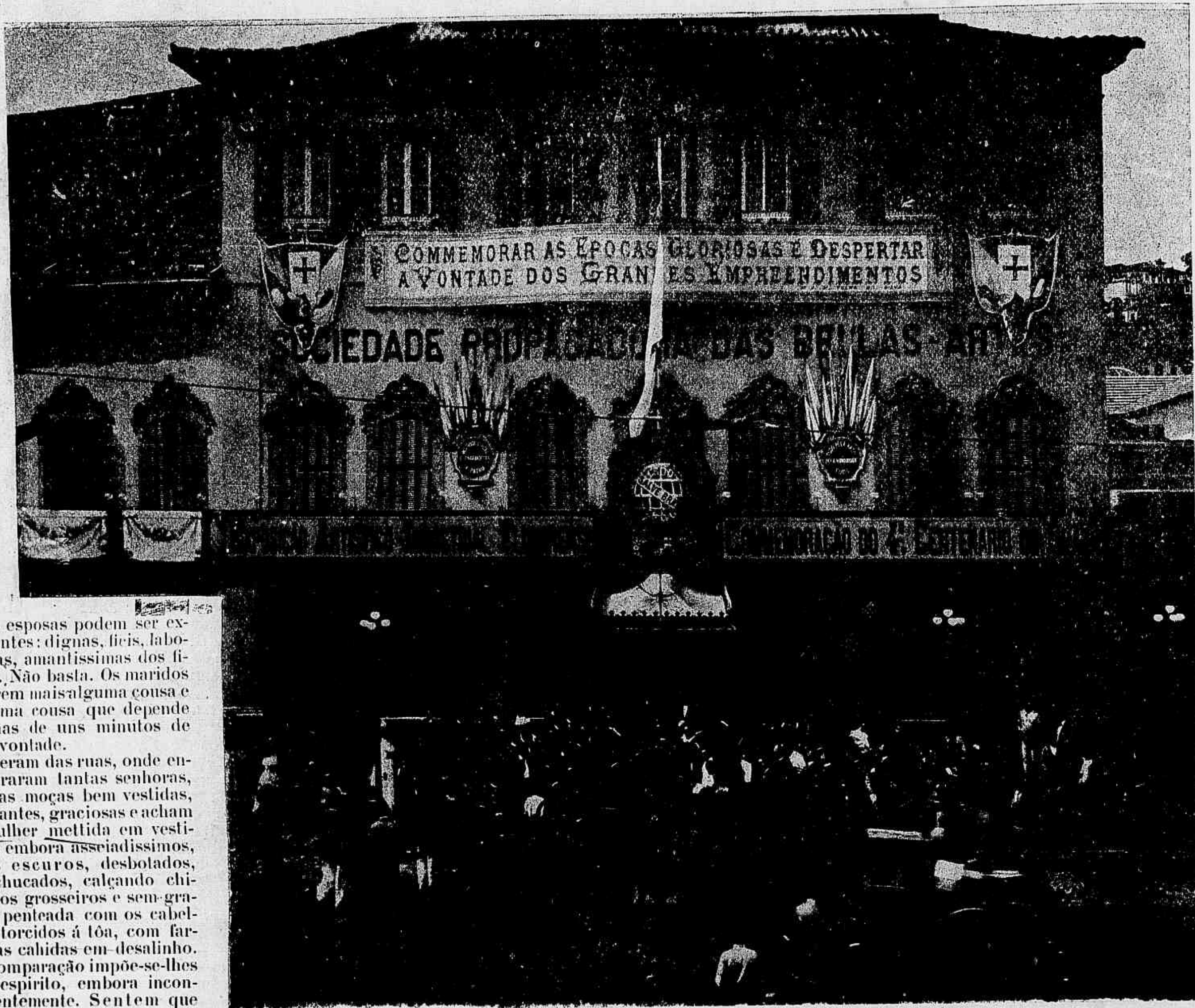
Et la grâce, plus belle encor que la beauté.

Com que se faz a arte de ser bonita? Com quasi nada: saber escolher para os vestidos *nuances* em harmonia com a do cabelo e a da cutis; saber realçar a elegancia de um pé com calçado que lhe sirva bem; saber, quando esteja em casa (e só em casa), deixar entrevêr um braço claro e bem torneado, de que a manga, mais ou menos curta, revelará o necessario para ser tentador sem chegar a indiscreção; saber arranjar o cabelo de modo a modificar como convenha o desenho da cabeça e do rosto; — ler, enfim, habilidade para esconder o que fôr feio, e realçar o agradável.

Haverá alguma que diga: «mas eu nada tenho de bonito?» — Tem, de certo. Se não ha formosura completa, sem um unico senão, a natureza não quer tambem que haja fealdades absolutas. Feias são só as que não querem ou não sabem fazer-se bonitas. Partam d'esta certeza absoluta, tenham fé — e tudo mais lhes será facil. A religião da belleza feminina é um tanto como a catholica: a fé constitue em ambas o essencial. Nesta ultima não se exigem tambem exaggeros de devoção, sacrificios mortificantes. Para estar em paz com a sua consciencia de christão, basta todos os dias uma pequena oração, contanto que seja sincera. Para se estar corrente com o culto da Gentileza Feminina, bastam igualmente alguns minutos de cuidados, que a dona de casa mais pobre e mais occupada, póde sempre ter.

Quantas desgraças se evitariam todos os dias, se as mulheres soubessem dar a esses pequenos nonadas o tempo que lhes é devido! Que é, entretanto, o que ellas fazem, as mais das vezes, mesmo quando adoram os maridos?

Adoram, sim, mas não pensam em agradal-os. Dirão que os pequenos agrados são dispensaveis, quando a adoração é muito grande? Não creiam nisso. Ainda uma vez, volto a lembrar-lhes o que succede em todas as religiões: não ha nenhuma que dispense o culto externo. Porque o padre ha de vestir uma capa de tal ou qual cor? porque ha de ler o Evangelho de um lado do altar e a Epistola de outro? porque o sachristão ha de fazer um numero certo de genuflexões e toques e passagens? Tudo isso são bagatellas. Mas, se bastasse a adoração pura e simples, ninguém iria á Igreja, ninguém a procuraria. E' o que acabam por fazer os maridos quando sentem que a sacerdotiza do seu culto domestico vai esquecendo todas as prescripções dos ritos...



Lyceu de Artes e Officios onde actualmente está installada a Exposição Industrial

As esposas podem ser excellentes: dignas, fieis, laboriosas, amantissimas dos filhos. Não basta. Os maridos querem mais alguma coisa e alguma coisa que depende apenas de uns minutos de boa vontade.

Vieram das ruas, onde encontraram tantas senhoras, tantas moças bem vestidas, elegantes, graciosas e acham a mulher mettida em vestidos, embora asseiadissimos, mas escuros, desbotados, machucados, calçando chinellos grosseiros e sem graça, penteada com os cabelos torcidos á tóa, com farripas calhadas em-desalinho. A comparação impõe-se-lhes ao espirito, embora inconscientemente. Sentem que lhes falla em casa qualquer coisa...

Não é, de certo, que eu queira aconsellar entremos em competição com as que dão tom á moda e que, muitas vezes, são modelos bem pouco dignos de serem imitados... Mas tambem que ninguém pense mal dos maridos de que fallo. Ninguém os creia preocupados com pensamentos menos honestos. Tanto é assim que, ás vezes, para fazer a salvação de uma familia, em vésperas de dissolver-se, basta a presença de uma filha, capaz de ser gentil, capaz de ter todos esses pequenos cuidados de femilidade. Certo, junto d'ella, o pae não sente senão os mais puros dos seus pensamentos. Mas a nota de elegancia, de frescura, de graça (é preciso repetir a cada momento esta palavra) já não lhe falta em casa. No meio das agitações da rua, quando a menor coisa o fêre, o pensamento de achar, na volta, uma fragil mulhersinha — filha ou esposa — risonha, mimosa, delicada, o vai attrahindo forte e irresistivelmente.

Ha mulheres que só buscam vestir-se bem, quando tem de fazer ou receber uma visita, de ir a um divertimento. Nessa occasião, tres ou quatro horas de espelho não lhes parecem de mais. Fóra d'isso, é o desleixo, o abandono, o desmazelo... — E queixam-se! Mas não pôde haver amor que resista a essas pequenas provações de todos os dias: vão roendo, devagarinho, pouco a pouco, mas infallivelmente, toda a felicidade domestica...

Sem duvida, dar-se-ha caso que entenda alguém achar o essencial nas nobres virtudes da filha, da esposa e da mãe exemplar. E' o essencial; mas não é tudo. A lingua portugueza possui uma palavra aspera e grosseira para qualificar as do nosso sexo que têm o aspecto e as qualidades moraes dos homens. Chamam-nas os francezes *viragos*. Pôde bem ser que ellas representem um ideal futuro da mulher. Todos lhes apreciamos ás vezes a energia, o talento, o vigor, mas achamolas, por ora ao menos, um pouco monstruosas, destoando de tudo quanto faz a nossa supremacia, tal como a sociedade hoje a entende e reclama.

Deixemos as reformadoras fazer a sua obra. Nós outras, para podermos ter e repartir em torno

de nós alguma felicidade, precisamos conquistar a sciencia da faceirice honesta e recatada, mas *bem feminina*. Para os nossos companheiros de vida — maridos, irmãos ou paes — é que nos devemos esmerar. E' indispensavel não esquecer esse culto — desde o asseio até as minimas futilidades da toilette. Isso está, podem crê-lo, ao alcance de todas, ainda as mais pobres.

Não é o *chic* dos grandes cosinheiros, lidando entre fogões e panellas, vestirem-se de branco, da cabeça aos pés, e, ao terminar o dia, sahirem sem uma nódoa, sem uma tiznadella? O exemplo parecerá prosaico, mas tem sua eloquencia: prova que o asseio e a elegancia cabem em toda parte. A dona de casa, que trabalhe nos mais rudes mistéres, pode, ainda assim, guardar a sua linha de perfeição: o desleixo e a incorrecção de vestuario, não ha nada que os justifique!

Convem, a par de tudo, pensar tambem na cultura intellectual, não esquecer todos os detalhes do interior domestico, e quanto diz respeito a nossos filhos. Essa actividade do corpo, do coração, do espirito é indispensavel a quem pretende ser *bonita*.

Para ser bonita, dirá alguém, não é necessaria a cultura intellectual.

Puro engano. Quereis senti-lo? Pode-se, é verdade, com artificios varios, fazer sobresahir a beleza dos olhos. Como isso é difficil e precario! A's vezes, encontram-se mulheres cujas linhas do rosto são delicadas: faces, bocca, testa, cabellos, tudo é nellas delicioso. Os olhos, entretanto, são tristes, apagados, sem intelligencia — e esse defeito basta para pôr um grave senão em tudo mais. Talvez elles soubessem ser vivos, espertos, brilhantes, se junto da sua dona se estivesse fallando de qualquer coisa que ella entendesse. Mas ella não sabe de nada, não se interessa por coisa alguma, nunca tratou de cultivar o espirito. D'ahi aquella apparencia átona, inexpressiva, abobalhada de uns grandes olhos, a que só falla um cuidado, que se pôde chamar... de *toilette*, mas é, no calo, da *toilette* inte-

rior do espirito, do cerebro. Não ha artificios externos que a possam supprir. Vêde, por isso phisionomias tão sem realce como se transfiguram desde que os olhos revelam a intelligencia de quem comprehende o que se está conversando e sabe intervir a tempo, com uma phrase, um dito gracioso, até mesmo com a simples attenção, mas a attenção intelligente, de quem está apreciando.

Tenho naturalmente visto e sabido de muitos processos para o embelezamento dos olhos. Não valem quasi nada. Um poeta já disse:

Os labios mentem,
Os olhos não.

E' realmente assim! O unico modo de que tem os olhos para ser bonitos é estar a serviço de uma intelligencia viva. E essa parte da *toilette*, a da instrução, não se aprende perto do espelho: é junto aos livros. O brilho de uns olhos intelligentes não pode ser obtido com os extranhos collyrios, que d'antes usavam as que pretendiam ser *bellas donas*; é um brilho que se accende no interior da cabeça... Não o esqueçamos!

Aqui, neste cantinho da *Revista da Semana*, procurarei ser uma conselheira, — não, Deus me livre! com a gravidade dos Exmos. Srs. Conselheiros de Estado! — uma conselheira affavel e meiga, prompta a indagar tudo que possa agradar ou ser util ás minhas leitoras. E que ellas me perdoem o sermão de abertura! Consolem-se pensando que podia ser muito peor! Imaginem que eu tinha feito, como os bons prégadores, e começado em latim! Seria um horror—horror e pedantismo tanto maiores, quanto d'essa lingua só sei duas palavras e isso porque resoaram a meus ouvidos em momento muito agradável. Tomou-me um padre as mãos tremulas e frias, uniu-as a outras muito queridas e disse solemnemente: *Conjungo vos...*

Ah! que latim adoravel! Ainda hoje me parece ouvil-o...



O descobridor:
— Pois os manifestantes ainda não descobriram esta bacia de barbeiro que me está escamando.

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

O «Oceanic». — Sabe-se geralmente que de todos os vapores que estão actualmente em tráfego no mundo inteiro o mais veloz é o alemão *Kaiser Wilhelm*, destinado às viagens entre os Estados-Unidos e a Alemanha.

Aos ingleses, uma tal supremacia não podia ser agradável. Pensaram em disputá-la. Durante algum tempo foi dito que o *Oceanic* da Companhia Wite-Star excederia o *Kaiser*. Dentro de pouco, entretanto, o pensamento de uma tal concorrência desfez-se. A companhia desistiu da empresa. Pareceu-lhe melhor fazer um grande navio em que se attendesse mais à commodidade dos passageiros que à rapidez excessiva.

O *Oceanic* é, de facto, monstruoso. Mede de popa a proa 215 metros, de lado a lado 20. Pode levar a seu bordo, soberbamente alojados, 410 passageiros de 1ª classe, 300 de segunda e 1.000 de terceira. Só a equipagem é de 394 pessoas.

Para que se tenha uma idéa das dimensões da machina, basta indicar este detalhe: se se deitasse qualquer das chaminés horizontalmente — por ella, lado a lado, poderiam passar dois carros bem á larga.

O peso total desse monstro é apenas de 28.957 toneladas metricas: esta bagatella!

O enjôo. — Uma molestia que parece a tantos insignificante, como é o enjôo de que soffrem os viajantes, não achou ainda remédio bastante eficaz: para prova-lo, é sufficiente ler a longa lista dos que os pharmaceuticos, de vez em quando inventam e proclamam infalliveis. Tanta infallibilidade falha quasi sempre lamentavelmente.

Agora, porém, dois medicos francezes pensaram em um novo tratamento. Cumpre dizer que ambos eram empregados da Companhia Geral Transatlantica e estavam, por conseguinte, em condições excellentes para fazerem observações e experiencias.

Qual o remédio? Simples inalações de oxygenio puro, sob pressão. São, dizem os dois facultativos, que apresentaram suas communicações á *Academia de Medicina* franceza, as deslocções profundas e subitas da massa visceral e a contracção do diaphragma, que occasionam as manifestações secundarias: dores de cabeça, vomitos, resfriamentos, etc.

As inalações de oxygenio — trinta a quarenta litros — bastam para pôr termo a tudo. Se o principio vier a confirmar-se, é uma vantagem, porque ha pessoas para quem esse mal não é um incommodo: assume as proporções de uma grave molestia.

Contra a faceirice. — A nossa distincta collaboradora que neste numero da *Revista* inaugura a *Secção Feminina*, si tivesse vivido na Inglaterra em 1770 e ousasse lá

sustentar as idéas sobre a faceirice obrigatoria que tão solemnemente prega, não imagina o que a esperava!

Foi a partir da rainha Elisabeth, a orgulhosa e implacavel rival de Maria Stuart, que o uso dos perfumes começou a penetrar na corte ingleza. Trouxe-os da Italia o conde de Oxford e immediatamente a moda propagou-se. Chegou mesmo ao exageros. Quando o mal pareceu muito grande um deputado de máo humor, decidio-se a apresentar ao Parlamento a seguinte lei, que foi votada por quasi unanimidade:

«Toda mulher de qualquer idade, classe, condição ou profissão, solteira ou viuva, que, a datar desta lei, enganar, seduzir ou levar a casar-se qualquer dos subditos de Sua Magestade, graças ao uso de perfumes, cabellos postigos, espartilhos, segundas-saías, sapatinhos de salto alto, seios e anquinhas falsas, incorrerá nas penas que a lei hoje em vigor estabelece para a feitiçaria e outras manobras... O casamento será declarado nullo e de nenhum effeito.»

Que tal?!

Certo, a nossa collaboradora não chegou a recomendar explicitamente nenhum desses artificios. Mas alguns d'elles nem lhe pareceram precisarem recommendações: são simplesmente indispensaveis. O collete, um pouco de perfume... quem não acha necessario?

A verdade, porém, é que tal lei sempre deve ter sido muito desrespeitada.

Não se pôde, entretanto, deixar de convir, que foi intelligente reunindo esses delictos no capitulo geral da feitiçaria. E' realmente assim com todas essas encantadoras bagatellas, que ellas reforçam o feitiço da sua belleza...

Ha, todavia, quem ache que as mulheres abusam em geral dos perfumes. Porque? De um modo geral, porque isso é um enfeite, como outro qualquer. Depois, segundo affirmam alguns autores, porque o seu olfacto é, em regra muito menos delicado que o do homem. O Dr. Maurice de Fleury diz, em uma phrase concisa: «Ellas se perfumam em excesso pelo mesmo motivo por que os surdos gritam».

Calculos interessantes. — Quando os mathematicos não estão muito occupados, divertem-se a fazer calculos, cuja utilidade nem sempre se comprehende bem...

Quiz um delles saber quanto tempo levariam a passar por um ponto qualquer do mundo todas as creanças nascidas no mesmo dia, em todos os paizes da Terra. Verificou que, se se organisasse com ellas uma procissão, formada em «caminho da roça», a um por um, e o primeiro fosse levado immediatamente apoz o nascer, o prestito teria de desfilar ininterruptamente durante seis annos. Os da frente iriam de collo; os ultimos passariam a pé.

Herschell quiz saber outra coisa. Andam a reclamar em alguns paizes e nomeadamente na Franca contra o decrescimento de população. Cada vez os paes tem menos enthusiasmo em augmentar a sua posteridade. Imaginem que, ha tres mil annos, tinha vivido um casal que produziu tres hesdeiros. Supponham que, depois d'isso, todos os descendentes foram sempre se casando e tendo sempre tres filhos por cada casal. Qual seria a população do mundo? Um numero tão grande, tão grande, que nem Terra — a Terra e a Lua — a Terra, a Lua, os demais planetas do nosso systema e o proprio Sol — nada bastaria! Era preciso arrumar, em camadas, gente sobre gente, até chegar á estrella Sirius! — E a estrella Sirius está a cerca de 4.200 milhões de kilometros da Terra!

Era gente de mais...

Outro calculo. Este, porém, não corre por conta de nenhum mathematico. Foi o Sr. Garten, que tem vivido a estudar os movimentos oculares, que se decidiu a resolvê-lo. Quando se quer exprimir que uma coisa se passou com extrema rapidez, diz-se geralmente que foi «num abrir e fechar de olhos». Era necessario medir o valor exacto dessa metaphora.

Hoje, sim, podemos estar tranquilos. Quanto dura essa operação? Quarenta centesimos, quasi metade, de um segundo. As palpebras sobem aliás muito mais de-

pressa do que descem e o tempo justo em que os olhos ficam fechados é de 17 centesimos de segundo. Por isso, o leitor d'esta noticia, que, desde que a começou a aturar, já piscou os olhos algumas dezenas de vezes, não deu por essas breves interrupções.

— Mais um... Que força, é precisa para abaixar a tecla de um piano? Um musico allemão desejou saber-o. Adaptou ao piano um dynamometro especial e medio. Em regra, varia entre 112 grammas, si é o pollegar, ou 130, si é o annular que funciona. Para os sustentidos o esforço é um pouquinho menor, porque a alavanca é tambem um pouco mais curta.

— E d'ahi?

— Façam a conta e verão! Verão que o trabalho das duas mãos, em uma simples escala, é de 51 kilos. Certas composições, como por exemplo o *Nocturno* em dó menor de Chopin, que aliás não dura mais de 10 a 12 minutos, representa um esforço physico de... de quanto? *adivinhem!*

Pensem na mais mimosa das pianistas que conhecem, e digam si a acham com força bastante para, ella sosinha, carregar um piano de cauda. Que ideia louca! Pois bem: a energia empregada por ella na execução d'aquella peça de Chopin equivale a 18 toneladas metricas — nada menos de 18.000 kilos: o peso de quarenta bons pianos de cauda!

Agora, a gente começa a comprehender porque o piano é um dos mais epantosos instrumentos que a civilisação tem inventado! Quantas toneladas de musica não despejam sobre as nossas cabeças as visinhas que se divertem durante horas inteiras a estudar escalas!

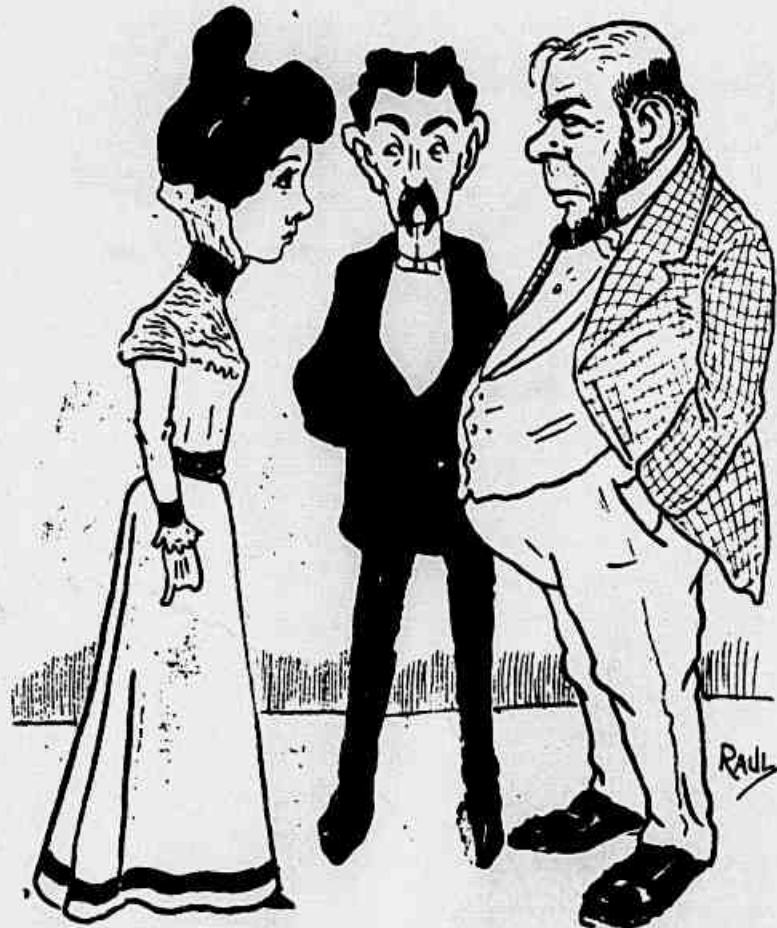
Foi bom que esse pianista mathematico tivesse feito taes calculos: certas visinhanças devem dar direito a merecidas canonisções...

Em todo caso, estes varios resultados provam que, ás vezes (muito raras!), a mathematica é uma sciencia divertida. E demonstram tambem, de quebra, que nem sempre a ociosidade é a mãe do vicio. Se esses homenzinhos tivessem que fazer, não se teriam entregado a taes calculos. Seria, porém, excesso de rigor considerá-los vicios.

Raios X naturaes. — Ha tres annos atrás, quem pensasse em fazer photographia atravez dos corpos opacos passaria muito legitimamente por maluco. Depois da descoberta de Roentgen, que cahio como uma bomba, em meio dos centros scientificos, já o caso, tanto elle se vai generalizando, nos parece, entretanto, banal e corriqueiro.

Em pouco tempo, o processo cahio no dominio da pratica, no conhecimento geral do publico. Os medicos, em certos casos, já o acham indispensavel. D'aqui a dias, os que hoje são apenas caloiros nas nossas faculdades, custarão a comprehender quando se formarem, como houve epoca em que não se lançava mão de tal recurso.

Apezar de tudo, a produção dos raios X é ainda um pouco dispendiosa, requer instalação propria, motor e accumuladores ou pilhas para a obtenção da electricidade.



No dia da festa, a 3 de Maio:

— Não, senhora! Não vai ver estatuas, arcos e obeliscos... Ha muito belisco, muito apertão, muita pouca vergonha. Os conquistadores e donjuans andam aos centenares... Não ha festas de centenários sem lenorios...

O motor, nas ambulancias de guerra, já foi arranjado com uma bicycletta presa, cuja roda posterior, ligada por uma pequena correia, accionava um dynamo. Mas agora, a ser verdade o que diz o *Monitor da Photographia*, nada d'isso é preciso. Radiographias serão feitas e de primeira qualidade com a pura e simples luz do sol.

A experiencia dispõe-se do seguinte modo:

O individuo que tem de ser radiographado senta-se em um banco de modo a ficar com a frente na sombra e com as costas batidas pelo sol. Feito isto, é só ficar-lhe do lado da frente e photographá-lo. Que se vê? Vê-se-lhe não só os ossos do corpo, como mesmo, além d'isso, mais longe, os objectos que estão atraz d'elle!

Por cumulo, o communicante d'esta extranha noticia garante ter obtido provas instantaneas!

Será verdade? O *Monitor da Photographia* é um velho jornal, acreditado em todo o mundo.

Se, portanto, não fôr certo, ter-se-ha dado algum erro de observação, mas não se tratará em caso algum de simples blague.

O communicante faz questão da maneira pela qual o sol deve banhar o individuo: é importante ser de lado. Imaginem uma parede batida pelo sol. A pessoa a ser radiographada sentar-se-á por traz d'ella, no limite da sombra, de sorte que, como acima ficou dito, a frente permaneça na parte escura e as costas no sol. Mesmo atravez da caixa craneana objectos collocados a distancia foram photographados instantaneamente.

O NOSSO PRIMEIRO NUMERO

Não cabem no curto espaço de que dispomos as transcripções de todas as referencias que os collegas da imprensa diaria tiveram a gentileza de fazer ao nosso primeiro numero. Todas ellas foram de tal modo lisongeiras que antes as consideramos, não como julgamentos, mas como palavras de animação e incitamento.

Criticas houve. Foram benevolas e justas. Os que notaram os pequenos senões do numero distribuido no domingo ultimo, viram logo que não era licito exigir tudo no primeiro dia. Alguns levaram a amabilidade ao ponto de explicar o facto ao publico. Não teriamos jámais ousado solicitar provas tão calorosas de cooperação e sympathia como as que assim, expontaneamente nos foram offerecidas. Isto lhes redobra a galanteria.

Agradecendo-as, esforçar-nos-hemos por merecer o elevado conceito dos nossos collegas de imprensa.

O publico, que não pôde avaliar as dificuldades technicas com que luta uma empresa desta ordem, verá, entretanto, de dia para dia, o resultado pratico do nosso esforço para bem servir-o. Tomar uma grande illustração europeia, que, mesmo nos paizes onde é publicada, constitue um jornal de luxo e custa no minimo de 50 a 75 centimos, querer compará-la com a nossa, feita em cidade onde a mão de obra e o material são caros e raros, e que, não obstante, vende-se ao preço insignificante de 300 réis — não é razoavel. Apezar d'isto, tanta é nossa esperança! esforçar-nos-hemos para poder, dentro de algum tempo, supportar em larga parte esse confronto.

Que o publico saiba reconhecer os nossos esforços e seremos infatigaveis para bem servir-o. As edições successivas do 1º numero, que se esgotaram nesta primeira semana, dão-nos a este respeito, as mais lisongeiras esperanças de éxito.



TRABALHOS DE LUXO

Gravuras finas e impressões artisticas
no Rio de Janeiro



As officinas typographicas e graphicas da REVISTA DA SEMANA — rua do Lavradio, 150 — imprimem por preços extraordinariamente modicos e com a maior nitidez e brevidade:

livros, obras illustradas, catalogos, albuns, jornaes, folhetos, cartazes, gravuras, mappas, musicas, chromos, diplomas, menus, programmas, rotulos, annuncios, folhetos, cartões, contas, memoranduns, almanaks, folhinhas, etc., etc...

— ESPECIALIDADE EM —

— GRAVURAS ARTISTICAS —

O material das officinas é todo de 1.^a ordem e os productos importados directamente são de 1.^a qualidade. Caracteres das fundições DEBERNY e TURLOT; tintas da casa LORILLEUX. Prelos especiaes para a typografia e impressões de 3 cores (construidos para a actual EXPOSIÇÃO DE PARIS).

GRANDE ATELIER PHOTOGRAPHICO

Laboratorio de gravura chimica

OFFICINA DE SIMILIGRAVURA E PHOTOGRAVURA



Na barca Segunda

ANNUNCIOS E ASSIGNATURAS
— DA —

REVISTA DA SEMANA

Emquanto não ficar installado o escriptorio na rua do Ouvidor, os annuncios e assignaturas para a REVISTA DA SEMANA são provisoriamente recebidos no escriptorio d'A NOTICIA.

PREÇOS

Assignaturas					
Por um anno		15\$000	Por seis mezes		8\$000
Annuncios com photo-gravura			Annuncios sem photo-gravura		
	UMA VEZ	REPETIÇÃO		UMA VEZ	REPETIÇÃO
Pagina	250\$000	150\$000	Pagina	150\$000	80\$000
1/2 pagina	150\$000	80\$000	1/2 pagina	80\$000	50\$000
1/4 de pagina	80\$000	50\$000	1/4 de pagina	50\$000	30\$000
1/8 de pagina	—	—	1/8 de pagina	30\$000	20\$000
Os annuncios com photo-gravura são recebidos até quarta-feira ao meio dia.			Os annuncios sem photo-gravura são recebidos até quinta-feira á noite.		

A NOTICIA - 123 Rua do Ouvidor 123

RECORDAÇÕES DO PASSEIO MARITIMO



« En rev'nant de la revue! »



Em Paqueta

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS
SOBRE A VIDA

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS
SOBRE A VIDA

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

6 RUA DA ALFANDEGA 6

EDUARDO RAMOS, Gerente

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900:

Propostas recebidas para seguro até esta data.		70.263:000\$000
Seguros realizados em vigor.	50.297:000\$000	
Novos seguros propostos em 1899	24.451:000\$000	
Seguros aceitos em 1899	20.895:000\$000	
Propostas para seguros recusados em 1899.	3.556:000\$000	
Sinistros pagos até esta data.		1.028:000\$000
Renda em 1899.		3.428:543\$128
Reserva de re-seguro		2.601:265\$577
Sobras-Garantia supplementar		491:282\$804
Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possui		300:000\$000

Concluindo o seu parecer, disse o Conselho Fiscal:

“Estes algarismos, que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encomio que aqui registrassemos.”



E referindo-se ao pagamento de sinistros, o presidente chamou a atenção para o facto de que: “nenhuma RECLAMAÇÃO devidamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço.”

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

GARANTIA DA AMAZONIA

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

6 RUA DA ALFANDEGA 6

